PLACAR

Abril
ED. 1492 OUTUBRO 2022 R$ 15,00

LIBERTADORES
A REDENÇÃO DE DAVID LUIZ E FERNANDINHO, OS SOBREVIVENTES DO 7 x 1 DE 2014

COPA DO BRASIL
O DUELO DE DORIVAL JÚNIOR E VÍTOR PEREIRA ILUMINA AS ESCOLAS BRASILEIRA E PORTUGUESA

PERFIL
A CAMINHO DA INGLATERRA, SCARPA BRILHA NO PALMEIRAS EMBALADO POR HOBBIES DIFERENTÕES

ADEUS, SÉRIE B
DE VOLTA: A NOITE MÁGICA DE ACESSO DO CRUZEIRO

O QUE ELE TEM NA CABEÇA

TITE FALA A PLACAR A CAMINHO DA COPA DO MUNDO

"O PEDRO É O HOMEM DA JOGADA TERMINAL, DE UMA EQUIPE QUE VAI PRECISAR DE UM PIVÔ."

"NEYMAR ESTÁ ARREBENTANDO, FAZENDO GOLS, DANDO ASSISTÊNCIAS."

"NÃO VAMOS JOGAR SÓ EMPURRANDO O ADVERSÁRIO PARA BAIXO."

"O MODELO QUE A GENTE GOSTA É COM DOIS ATACANTES E QUATRO MEIO-CAMPISTAS."

DAVID S. BUSTAMANTE/SOCCRATES/GETTY IMAGES

Vinicius Jr. baila depois do gol de Rodrygo contra o Atlético de Madri: "Aceitem, respeitem ou surtem"

OS RACISTAS PRECISAM DANÇAR

Não foi a primeira vez, muito ao contrário, que um jogador de futebol foi vítima de racismo — mas nunca houve uma reação tão firme e tão bem-vinda como a do atacante Vinicius Jr., do Real Madrid e da seleção. Em um vídeo de dois minutos postado em suas redes sociais, calmamente sentado diante da câmera, ele foi direto ao ponto: "Dizem que a felicidade incomoda. A felicidade de um preto brasileiro na Europa incomoda muito mais". E avisou, ao contestar a frase idiota de um empresário espanhol que, na véspera, o acusara de "macaquices", sugerindo que, se quisesse comemorar os gols com dança, o fizesse no Sambódromo: "São danças para celebrar a diversidade cultural do mundo. Aceitem, respeitem ou surtem — eu não vou parar". E não parou. Na vitória do Real sobre o Atlético de Madri, por

Luiz Felipe Castro *(no fundo, à esq.)*, Klaus Richmond, Tite e Cléber Xavier: um passeio pela cabeça do treinador

ALEXANDRE BATTIBUGLI

2 a 1, ele se juntou a Rodrygo, que marcara um dos gols, e bailou como sempre — aliás, bailou como nunca, porque na entrada do estádio a torcida atleticana voltou a desferir xingamentos. A reação de Vinicius Jr., como resposta à estupidez, ecoou pelas redes sociais, fez outros jogadores se posicionarem, obrigou o agressor a pedir desculpas e parece ter servido como marco, como quem grita: "Não dá mais". Ele foi ainda mais inteligente ao deixar nítido, naquele vídeo já histórico, que o preconceito não brotou apenas quando atravessou o Atlântico — vem de antes, quando surgiu nas categorias de base do Flamengo, em busca de um sonho finalmente alcançado, apesar dos limites impostos por quem acha que pretos não podem chegar lá. A postura de Vinicius Jr. talvez não reescreva a história, é um pequeno gesto de um crime espraiado, mas ao menos agora os racistas dançaram. Que Vinicius Jr. baile no Catar.

* * *

PLACAR gosta de estar sempre olho no olho com os personagens que ilumina. A entrevista especial desta edição com Tite foi conduzida com iguais doses de firmeza e elegância pelo repórter Klaus Richmond, pelo editor Luiz Felipe Castro e pelo repórter fotográfico Alexandre Battibugli. Eles estiveram com o treinador da seleção e seu fiel escudeiro, Cléber Xavier, nos estúdios do Flow Podcast, a quem agradecemos a cessão do espaço com direito até a um telão no qual despontava o nome da mais longeva revista de futebol do Brasil. E em novembro não esqueça: lançamos o Guia da Copa do Mundo. ■

revistaplacar | @placar
placar.abril.com.br
placar@abril.com.br

ÍNDICE

THAIS MAGALHÃES/CBF

Brabo: Arthur Elias, o treinador da equipe de mulheres do Timão tetra

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Leandro Miranda **Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariáh Magalhães **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Enrico Benevenutti, Guilherme Azevedo, Klaus Richmond (texto);

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1 492 (789 3614 11176 6), ano 53, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante:
minhaabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200 Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Para assinar:
www.assineabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200 Telefone: SAC (11) 3584-9200
De segunda a sexta-feira, das 9 às 17h30
Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote pelo e-mail: assinaturacorporativa@abril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

O treinador: desempenho de 81% na seleção

"NINGUÉM É SUPER-HOMEM"

Tite tem motivos para sorrir, com Neymar em alta e abundância de talentos no ataque para a Copa do Catar. Mas admite ter passado por períodos de fragilidade na seleção, onde está há seis anos

Klaus Richmond e **Luiz Felipe Castro**

O semblante de Adenor Leonardo Bachi é de leveza. Ele está tranquilo. Nem mesmo a rotina de compromissos com a imprensa, uma entrevista atrás da outra, tirou o entusiasmo do técnico gaúcho de 61 anos, que curte os últimos meses de sua passagem pela seleção brasileira, à espera da aventura final no Catar. Os resultados do time, que sempre foram bons, nos últimos tempos vieram acompanhados de um tempero a mais: atuações convincentes, com velocidade e criatividade. Tite, portanto, superou as fases de maior contestação e hoje vê todo o grupo fortalecido para a disputa da Copa do Mundo. Ao lado do auxiliar Cléber Xavier, com quem divide boa parte de seu tempo, ele falou a PLACAR por mais de uma hora, durante passagem por São Paulo, no fim de agosto.

O técnico, que não tem redes sociais, minimiza o peso das críticas que recebe. Diz se sentir respeitado, especialmente durante as caminhadas diárias pelo calçadão no Rio. "O máximo que me cobram é: 'Ô Tite, ó o Pedro!' ", brinca. O apelo foi atendido e o artilheiro do Flamengo entrou na lista de candidatos a um dos 26 assentos para o Catar. A briga na frente é feroz, por haver muitas "perninhas rápidas", como se refere aos jovens e habilidosos atacantes à disposição. As preocupações são poucas, como a forma física e técnica do veterano Daniel Alves.

Tite está em paz. Ao longo da conversa com PLACAR, só ergueu o tom de voz em temas relacionados à família, ao defender o trabalho de seu filho e auxiliar Matheus Bachi e a presença de parentes na concentração — pontos sensíveis nos poucos mais de seis anos à frente da seleção, com um desempenho inigualável: 76 jogos, com 57 vitórias, 14 empates e apenas cinco derrotas, em aproveitamento de 81% dos pontos disputados.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Pedro, o camisa 9 do Flamengo: oportunidade por ser um atacante de "jogada terminal"

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

O MOMENTO DA SELEÇÃO

Os atacantes "perninhas rápidas" e a explosão de Pedro, do Flamengo, representam esperança de bom desempenho

Este é o melhor período de seus seis anos de trabalho? São ciclos, situações diferentes. Desses últimos quatro anos, creio que seja o melhor recorte. A seleção foi se construindo, acertando, errando, testando sistemas diferentes. Em 2019, fomos campeões da Copa América, mas não era um futebol que me agradava na plenitude, faltava uma criação maior. Teve a Copa América de 2021, fizemos um jogo muito igual com a Argentina na final, mas perdemos. A vinda dessa nova geração de atletas, principalmente do setor da frente, os pontas ou externos com grande qualidade técnica individual, nos trouxe, aí sim, a melhor versão da seleção brasileira.

Em algum momento, antes da atual boa fase, houve instantes de insegurança, de dúvida sobre sua permanência no cargo? Ninguém é super-homem. Claro que há situações de fragilidade maior, de oscilação, meu e da comissão técnica. Meu momento mais difícil, particularmente, foi logo depois da Copa de 2018, com amistosos que foram muito pesados. Pensei: "Pô, cara, mais quatro anos assim?". Essa exposição é gratificante, mas é pesada. Fomos passo a passo, convocação a convocação, e nos demos oportunidade de fazer esse ciclo inteiro, isso foi me fortalecendo. O Cléber *(Xavier)* mais especificamente foi esse suporte mais íntimo, mais pessoal. Teve um momento, no hotel, que eu o chamei e disse que estava bastante pesado para mim, e ele me tranquilizou. Mas, humanamente, tive, sim, principalmente no início, essa inconstância.

O Brasil se acostumou a enfrentar equipes muito fechadas. Acredita que na Copa alguma seleção possa adotar uma postura mais ofensiva? Isso seria bom? Por característica, nosso conceito é de proposição, não abrimos mão de iniciar um jogo desde atrás, de colocar cinco jogadores, às vezes seis, no campo adversário. Mas tem seleções que fizeram isso contra a gente, como Argentina, Colômbia e Chile, pelas eliminatórias. Eles puseram os alas lá em cima, e tivemos certa dificuldade. Nos amistosos, Coreia do Sul e Japão tentaram jogar e nós gostamos disso, estamos preparados para atrair e depois sair. A Sérvia, nossa adversária da estreia, foi para dentro de Portugal no jogo que definia a vaga na Copa. Não vamos jogar só empurrando o adversário para baixo, o jogo vai apresentar diversos momentos. Nossa maior preocupação é ter equilíbrio.

Com a convocação de Pedro, o Brasil passa a ter a opção de jogar com um 9 mais fixo ou a tendência é manter um ataque mais móvel? O Pedro é um jogador difícil de encontrar pela característica, assim como o Pedro Raul, que está fazendo muitos gols no Goiás. É o homem da jogada terminal, de uma equipe que marca baixo, que vai precisar de cabeceio ou de um pivô para alguém que vem de trás. Então, existe essa possibilidade. O Gabriel Jesus ata-

ca o espaço, vem, faz o pivô, mas ataca o espaço. O Richarlison faz a mesma coisa, ele "vira de bunda" para o meia, não quer fazer tabela, quer bola na frente, tem esse cheiro para o gol. Há outros jogadores que dialogam com o meia, saem de uma posição de frente para vir tabelar, como o Firmino e o Matheus Cunha, que na seleção olímpica jogava junto com o Richarlison. O Hulk e o Gabriel Barbosa são dois jogadores oriundos até de lado e adaptados na frente, mas que se movimentam, que não são o jogador fixo. Temos muitas opções.

Especialmente pontas clássicos, como Vinicius Jr., Raphinha e Antony, os tais "perninhas rápidas"... Sim, o futebol é tático, visual e às vezes de difícil compreensão. Por isso, digo que vocês, jornalistas, são fundamentais para que o torcedor se eduque e enxergue. Me questionam: "Ah, mas por que o Tite não tem o lateral que vai ao fundo igual o Jorginho, igual o Cafu?" Não é o que eu quero ou não quero. Se eu tenho dois ótimos pontas, por que que eu vou colocar o lateral lá? Nossos laterais são mais construtores.

Falando em pontas, é sempre bom lembrar do personagem Zé da Galera, criação de Jô Soares, que em 1982 implorava para Telê Santana escalar pontas na seleção... É verdade, essa crítica eu não sofro. Sofro outras, mas não essa *(risos)*.

Mas o clamor popular, o pedido das ruas, afeta suas decisões? Ser técnico é escolher agradar a alguns e desagradar a outros. A divergência é da vida, é do jogo, e inclusive do momento social que vivemos. Mas com paz, com calma e que se tenha um aprofundamento. O modelo que a gente gosta é um modelo equilibrado: dois atacantes, quatro meio-campistas. Sobre os pedidos por jogador, existe a forma respeitosa e a desrespeitosa de pedir.

CRÍTICAS, BAIRRISMO E NEPOTISMO

O treinador diz não se abalar com a virulência de torcedores nas redes sociais e defende o filho Matheus Bachi, seu auxiliar

Ser técnico da seleção é uma vidraça constante. Como lida com críticas de nomes como Casagrande e Romário? Algumas pessoas se identificam com o nosso trabalho e comigo. Há uma identificação de estilo, de metodologia, do aspecto ético, da educação. Essas pessoas têm todo o meu carinho e minha alegria de poder representá-las, independentemente do resultado. Outras não enxergam assim e eu tenho de compreender. Tenho até familiares e amigos que não vão torcer por mim, imagine outras pessoas. Então, tenho de ter essa compreensão maior. Me preocupo apenas é com o respeito e com a informação correta. Quando uma crítica vem, dá para ver se ela é pesada, odiosa... Quando é do mal, conseguimos sentir esse cheiro. É muito mais pela forma com que se diz do que aquilo que se diz. Aos 61 anos, já tenho experiência suficiente para perceber.

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Com o filho e auxiliar Matheus *(no fundo)*: "Ele não é pouco bom, não, é muito bom"

O bairrismo sempre fez parte da relação da torcida com a seleção. Por coincidência, este é o quarto comando consecutivo de gaúchos, depois de Mano Menezes, Dunga e Scolari. Sente que o fato de ser mais identificado com o futebol do Rio Grande do Sul e de São Paulo, e de nunca ter trabalhado em clubes do Rio, é o que provoca alguma rejeição entre os cariocas? É interessante a tua pergunta. Sabe por quê? Moro no Rio há seis anos e cinco vezes por semana eu e a minha esposa caminhamos no calçadão. Nunca sofri desrespeito por parte do torcedor. O máximo que falam é: "Ô, Tite, ó o Pedro. Tite, ó o Gabigol". Mas não com agressividade. É um respeito muito legal. As mídias sociais é que se manifestam mais. Fica como reflexão. As redes estão cheias de *haters*, deixemos eles falarem. Queremos fortalecer com quem se identifica conosco e entender esses outros. O silêncio por vezes é rico.

Seus críticos costumam citar muito a presença de seu filho, Matheus, na comissão técnica. Quanto esse debate sobre nepotismo lhe traz mágoa e por que Matheus raramente aparece com o senhor em entrevistas, ao contrário de outros membros da comissão como Cléber e Cesar Sampaio? Será que ele aparece pouco por minha causa ou porque não é procurado devidamente para mostrar sua formação profissional e universitária? Será que sabem qual é a função dele dentro da comissão? Eu tive de explicar, por exemplo, a importância dele nas bolas paradas. A crítica é inevitável, mas eu e ele temos uma situação muito tranquila. Ele vai carregar com ele o peso do pai e eu, o do filho. É impossível o médico ter um filho médico bom? E o músico ter um filho músico bom? O Matheus é bom para c...! Não é pouco bom, não, ele é muito bom.

PARA QUE TÉCNICOS ESTRANGEIROS?

Ele defende Abel Ferreira, vê inveja entre técnicos e gostaria que seu sucessor na CBF fosse brasileiro

Há no futebol brasileiro, hoje, treinadores estrangeiros que são muito sinceros e diretos, por vezes até criticando o próprio jogador. O que o senhor acha desse comportamento? Das entrevistas que vi, não notei exposição pública de nenhum atleta, só alguma manifestação tática genérica, mas não pontual. Vi diversas entrevistas do Abel *(Ferreira)*, do Vojvoda sobre compreensão tática, mas não um apontar de dedos.

O Vítor Pereira, do Corinthians, por exemplo, disse algumas vezes que o Roger Guedes não faz a recomposição tática como ele gostaria... Bom, vou falar de forma mais assertiva, não sobre esse exemplo específico, pois não vi. Eu não faria, tá? Porque o meu estilo é mais de Vojvoda, é mais de Abel nesse sentido de condução de uma maneira mais abrangente como equipe. Não direciono, porque, enquanto ex-atleta, sei que a exposição pública gera conflito.

CESAR GRECO/PALMEIRAS

Sobre Abel e companheiros de profissão: "Temos as nossas invejas, os que torcem contra"

Um tema quente entre os técnicos é a postura de Abel Ferreira, muito criticado depois de ele ter opinado sobre as escolhas de Cuca na derrota do Atlético-MG contra o Palmeiras, na Libertadores. Qual a sua leitura sobre isso? Eu li o livro *Mal Secreto: Inveja,* de Zuenir Ventura, que diz assim: "A maior inveja se dá dentro da própria classe". Nós, assim como outras classes, temos as nossas invejas, colegas que torcem contra. É verdade. Sobre esse caso especificamente, não tenho condições de avaliar, porque não vi exatamente como foram as manifestações. Sei que houve, mas não acompanhei a forma como se disse, a entonação de voz, a expressão fisionômica, a raiva que pode ser colocada ou se foi, simplesmente, uma interpretação tática. O que posso dizer é que há profissionais que se manifestam de uma forma mais linear, como Vojvoda, Roger Machado e Dorival Júnior. É com esses que me identifico mais. São estilos diferentes, tem uns que deixam um ponto de interrogação.

O senhor já avisou que deixa o cargo após a Copa. Gostaria de ver um treinador estrangeiro em seu lugar? Te confesso que não sei, é difícil. O que tenho para comigo é uma conduta ética, e eu gostaria que fosse um brasileiro. Isso é uma opinião pessoal. Mas do ponto de vista profissional, a qualificação se dá independentemente do país. E aí as pessoas que têm a responsabilidade podem entender qual profissional tem o perfil para seguir, mas não me dou ao direito de avaliar trabalhos, escolas, estilo de jogar. Inclusive, existem no mínimo três modelos de futebol no Brasil. Um vertical e direto, de velocidade. Um de jogo apoiado. E um que é híbrido. Qual escola você quer para uma sequência? O dirigente precisa saber escolher. O planejamento é da vida e do jogo, assim como o fim de ciclos.

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Neymar: só a dois gols do recorde de Pelé

NEYMAR EM ALTA, DANIEL ALVES EM BAIXA

O técnico vê o camisa 10 em excelente fase no PSG, mas não garante a presença do veterano lateral no Catar, apesar de suas qualidades

Na Copa será possível a inscrição de 26 jogadores, três a mais do que o habitual. Há alguma chance de os três nomes a mais serem todos do ataque? Primeiro, gostaria de lembrar que muitos técnicos de outras seleções não gostaram dessa sugestão, ouvi isso da boca deles. Há divergências, alguns disseram que passaram por problemas na Copa América em convocar 26 porque três caras ficaram de bico e tiveram de gerir o grupo todo. Levaremos 26, sendo dois extras do processo criativo ofensivo. É decisão minha, nem vou levar a pauta à comissão técnica *(risos)*. E o terceiro está em aberto.

AGUSTIN CUEVAS/GETTY IMAGES

Daniel Alves, no Pumas: em observação

É duro ter de deixar um jogador de confiança de fora? Vai acontecer, inevitavelmente. Pela qualidade dos atletas, pela gestão humanizada que temos. Sou, na minha essência, um humanista. Antes vem o Adenor, depois o Tite. Sentimos muito com relação aos atletas que vão disputar uma mesma vaga. É um sonho estar na seleção, temos a dimensão exata disso. Porém quero que se sintam devidamente respeitados e acompanhados nesse processo. Exemplifico: o Gerson se machucou e já tínhamos pessoas dando suporte. Fizemos o mesmo com Lucas Veríssimo, Rodrigo Caio... Você pode pensar: "Ah, mas então tu vai convocar eles?". Não

sei, é outra coisa, outro processo. Existe, sim, a competição, não adianta querer dar de bonzinho, mas é preciso sempre ser leal.

O Neymar iniciou muito bem a temporada, superando inclusive rumores sobre atritos com Mbappé e eventual saída do PSG. O senhor conversou com ele? Primeiro houve a busca pela informação verdadeira, porque teve até jornal informando que o Mbappé já estava no Real Madrid. Acompanho, não quero formar conceito em cima de algo que talvez não seja verdade. Quando conversei com Neymar, perguntei qual era o projeto dele e ele disse que era a permanência no PSG. Falamos de sua preparação física, ele foi para Mangaratiba para adiantar todo o processo de preparação. Aí ele volta para o PSG, e está arrebentando, fazendo gols, dando assistências. E o oitavo jogador que desce para auxiliar na marcação é ele, não é o Mbappé, não é o Messi.

Daniel Alves, de 39 anos, não começou bem sua passagem pelo Pumas, do México. A situação dele preocupa? Estamos acompanhando todo o processo técnico e físico dele. A comissão acompanhou jogos, se informou sobre a situação do Pumas, que foi 12ª colocada no campeonato passado, então não tem tanto poderio técnico. Ele já jogou mais por dentro, depois foi mais de lateral. Na posição que nós queremos, ele não é um jogador de amplitude, mas de articulação. Para ser marcador, correr para trás, a opção é o Danilo. Mas o Daniel pode ser um lateral construtor, porque a qualidade técnica, a qualidade de passe, as percepções, a criatividade dele, são impressionantes. Mas para isso precisa estar em um bom momento técnico e físico. Não vou criar nenhuma expectativa futura e nem olhar para o passado, vou olhar o tempo real.

O TANGO ARGENTINO

Ele lamenta a perda da Copa América para os arquirrivais, mas diz ter sofrido mais com a eliminação contra a Bélgica, em 2018

A derrota para a Argentina, na final da casa da Copa América no Rio foi a mais dolorida? Não, a mais dolorida foi a da Bélgica, em 2018. Nós vencemos a Argentina na Copa América de 2019, fizemos 3 a 0 nas outras Eliminatórias. Perdemos na final da Copa América, mas têm sido grandes jogos, marcados pelo alto nível técnico e de competitividade. Em alguns momentos, passou

A comemoração do título da Copa América da Argentina de Messi em 2021, no Maracanã: "Dava para ter jogado mais"

ALEXANDRE BATTIBUGLI

para a agressão como foi o caso da cotovelada em Raphinha *(lance envolvendo Otamendi e ignorado pelo VAR, no empate por 0 a 0 em Rosário).* Na final do Maracanã dava para ter jogado mais, esse sentimento fica. O Neymar individualmente arrebentou, foi talvez a melhor versão dele, jogou muito, mas a equipe estava num processo de ajuste, de melhoria ofensiva.

INSTAGRAM @NADINE GONÇALVES

A turma do camisa 10 na Copa da Rússia, em 2018: "A crítica é pobreza de espírito"

FAMÍLIA E SOCIEDADE

A firme defesa da convivência dos jogadores com a família, nos hotéis, e a cuidadosa discrição em torno de suas posições políticas

Sobre planejamento interno e presença de familiares em hotéis da seleção, o que muda em relação a 2018? O senhor acha que errou? Na Rússia, houve problemas com familiares do Neymar... Achar que a família ficar perto é contraproducente é algo muito raso, muito pequeno. Quando fui campeão do mundo pelo Corinthians, em 2012, dois andares acima estavam a minha esposa e os meus filhos. Aí eu ia lá e dizia: "Deixa eu ficar um pouquinho, que quero me energizar, me fortalecer". Claro, tem momento para fazer isso. Na Copa de 2018 tinha momentos em que via os familiares e depois deu, tchau. Mas você quer que fechemos o hotel todo? O que erramos, e que foi corrigido, é que teve atividade fechada à imprensa e depois familiar gravando vídeo. Isso está errado e nós corrigimos, é um desrespeito com vocês, foi um ato inconsequente. Mas daí a falar que ficar longe da família é ruim, é muita pobreza de espírito.

Afinal, o senhor assinou a Carta pela Democracia? Não, não assinei nada. Quero ficar envolvido no esporte. É um processo muito grande de Copa do Mundo e não quero que desvirtue nada. Tenho minhas posições políticas, claro, os meus comportamentos mostram quem eu sou, o Adenor. O Tite, técnico da seleção, democraticamente, se permite ter uma posição independente. E não tem nada a ver com os atletas, eles têm toda a liberdade *(para se manifestar),* a comissão técnica dá essa liberdade. ■

ETIHAD
AIRWAYS
CITY
HAD STADI

AUSENTES FUTEBOL CLUBE

Qual é a graça de uma Copa sem um jogador como o norueguês Erling Haaland? Para entender a chata situação, basta saber que o irlandês do norte George Best também nunca disputou um Mundial. Que pena...

Fábio Altman

O que fazer durante a Copa do Mundo sem Erling Haaland, o fenômeno norueguês de apenas 22 anos, o cometa que brilha no Manchester City? Ela fará falta, suas arrancadas, a força, o jeitão destrambelhado de quem só para com a bola na rede. Haaland tem média de gols na Liga dos Campeões de 1,25 por partida, superior à de Cristiano Ronaldo (0,77), Messi (0,80), Lewandowski (0,83) e Benzema (0,60), os maiores artilheiros da história da competição. O grandão não estará no Catar, é óbvio, porque a Noruega não se classificou. É uma pena, mas não é novidade. Há uma penca de craques extraordinários que nunca disputaram Copas. E daí? Pior para as Copas, subtraídas de alegria e história.

Haaland, com o perdão da frase desrespeitosa com as cores da Noruega, deu azar de vestir a camisa errada, a de um escrete sem tradição, que só disputou três mundiais, em 1938, 1994 e 1998 — em 1998, aliás, derrotou o Brasil por 2 a 1 na primeira fase. Trajetória semelhante a de Haaland foi, na juventude, a do galês Gareth Bale, o ponta-direita canhoto de 33 anos hoje no Los Angeles FC e que fez história no Tottenham e no Real Madrid. Eis que, na maturidade de Bale, finalmen-

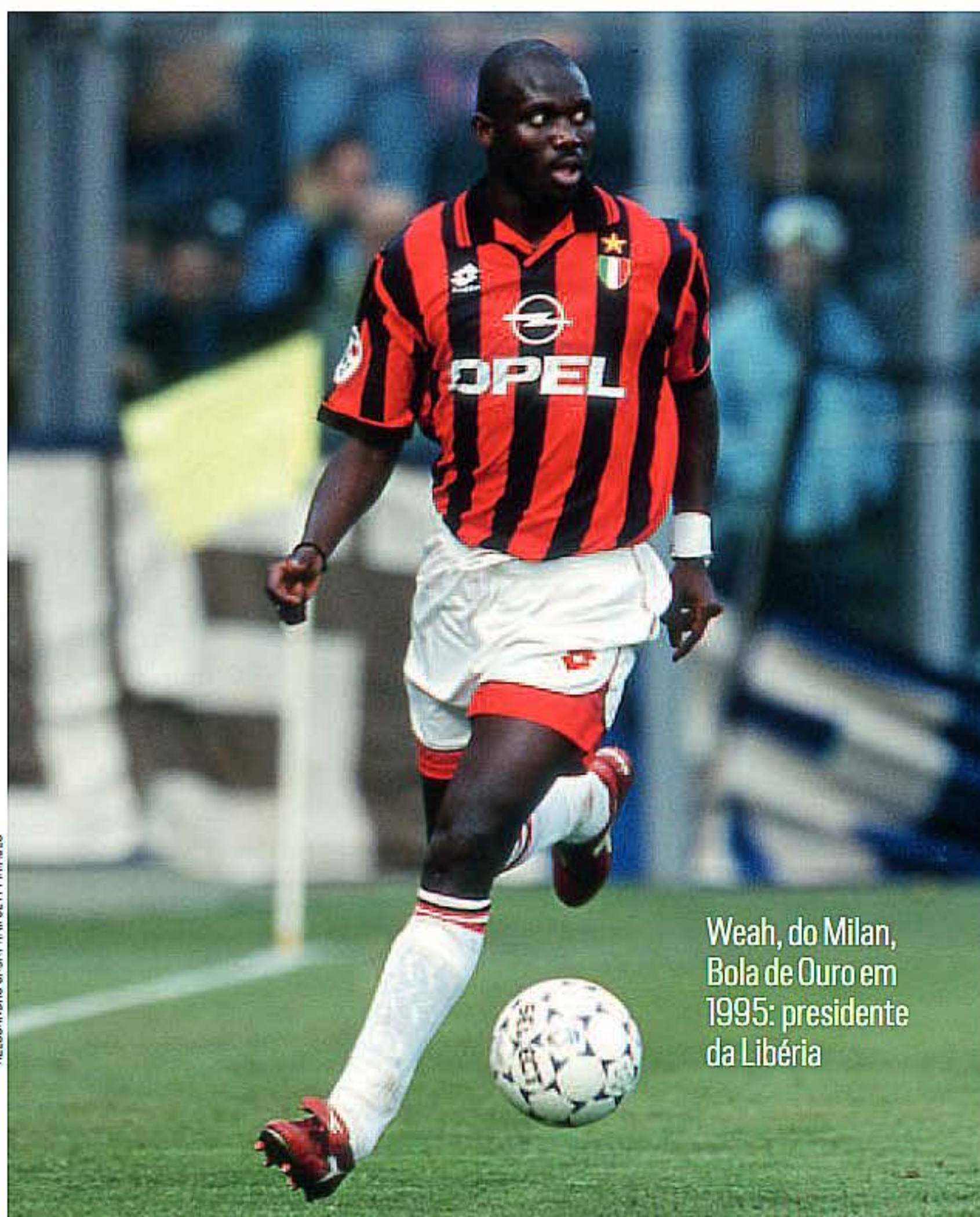
SHAUN BOTTERILL/GETTY IMAGES

Haaland, o grandão imparável: tristeza não tê-lo no Catar

te o País de Gales voltou a uma Copa — 64 anos depois. E teremos a chance de vê-lo em campo, um tanto envelhecido, mas sempre interessante. Um modo de enxergar a disputa no Catar é esse: com Bale, sem Haaland. Ou então, pela lente de um paradoxo: sem a Itália, mas com o Canadá, por exemplo (e ressalve-se que os canadenses fizeram direitinho a lição de casa, algo que os italianos não souberam fazer).

Como nem sempre no futebol os vencedores é que saem maiores, um passeio pela seleção de craques que nunca disputaram Copas — como ocorre por ora com Haaland, insista-se — é sempre interessante. Nenhum ausente foi mais lamentado do que o genial George Best, o mercurial atacante do Manchester City que nasceu na Irlanda do Norte, país que descolou uma vaguinha na Copa da Espanha, em 1982 — quando Best já tinha 36 anos. Uma visita à edição número 1 de PLACAR, em 1970, é atalho para entender a grandeza do atacante, autor de uma frase simultaneamente engraçada e triste: "Gastei muito dinheiro em bebidas, mulheres e carros rápidos. O resto desperdicei". Eis o que a revista publicou, tempo em que o camisa 7 tinha apenas 23 anos: "Dribla como Garrincha, faz gols como Tostão, tem a genialidade de Pelé, chuta com a precisão de Edu. Se quisesse, seria o melhor jogador do mundo, mas está muito feliz e satisfeito em ser o melhor jogador da Inglaterra. George Best, ponta-esquerda de 23 anos, belo como um artista de cinema e excêntrico como um milionário, é tudo o que ele quer ou tem vontade de ser. É deus quando passa velozmente pelas ruas pilotando seu carro último tipo; é diabo quando está em campo correndo ou driblando; é charmoso quando está posando

O argentino Di Stéfano, do Real Madrid: ele pegou fase ruim de seu país natal, nos anos 1950

EFE

Weah, do Milan, Bola de Ouro em 1995: presidente da Libéria

ALESSANDRO SABATTINI/GETTY IMAGES

ram a chance, por terem passaporte "errado", como foi o caso de um outro George, o Weah — craque do Milan, Bola de Ouro em 1995 e que hoje é presidente — sim, presidente — da Libéria, um dos mais pobres países africanos. Em outros casos — no avesso dos Georges — houve o azar de viver o auge em um tempo ruim de suas seleções. O líder desse grupo é o argentino Alfredo Di Stéfano. Em litígio com a Fifa, a Argentina boicotou os Mundiais de 1950 e 1954; em 1958 ele não foi convocado porque atuava na Espanha, e naquele tempo era comum fechar os olhos a craques na diáspora. Em 1962, naturalizado espanhol, chegou a embarcar para o Chile, mas brigou com técnico e, lesionado, não entrou em campo. E as Copas ficaram sem Di Stéfano.

Nessa aventura fascinante, houve jogadores que até chegaram a disputar ao menos uma vez uma Copa — mas, quando tiveram chance de voltar ao torneio, perderam duelos fenomenais. Foi assim com o sueco Zlatan Ibrahimovic, derrotado por Cristiano Ronaldo em 2013, na partida decisiva entre Suécia e Portugal, nas eliminatórias para a Copa que seria realizada no Brasil. Ibra marcou duas vezes, chegou a pôr seu país na frente, em 2 a 1 — mas CR7 fez 3 e o jogo terminou em 3 a 2 para os lusitanos. "Deus é português", resumiu. Ibra ficou a ver navios. E nós, também. Afinal, olhando em retrospectiva e em perspectiva, lá para o Catar: quem sai ganhando numa Copa sem Haaland? Ninguém. Cabe torcer para que ele esteja no torneio de 2026 — embora já existe uma melancolia do futuro com a provável ausência, em decorrência da idade, de estrelas como Lionel Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar, o marco do fim de uma era do futebol globalizado. ■

EFE

George Best, da Irlanda do Norte, cracaço dos anos 1960 e 1970: e se ele tivesse nascido feio?

com roupas da moda para as principais lojas de Londres.

— Se eu tivesse nascido feio, vocês não ouviriam falar de Pelé. Dou-me muito bem com as garotas, gosto de divertir-me, de tirar prazer do dinheiro que ganho e por isso não me dedico inteiramente ao futebol. Eu não serei um monge do futebol, apesar de treinar com vontade e jogar com mais vontade ainda. Sinto que posso fazer o que quiser com a bola, não importa o adversário. Por isso poderia ser melhor do que Pelé, se quisesse."

Dá ou não dá pena a ausência de uma figura como Best, que poderia ter disputado as Copas de 1966, 1970 e 1974 — não fosse, claro, da Irlanda do Norte? Outros gigantes como ele também perde-

DORES DO PAS

David Luiz: a volta por cima com a camisa do rubro-negro carioca

ALEXANDRE VIDAL/FLAMENGO

SSADO

A decisão do torneio continental recoloca em evidência três protagonistas do triste e inesquecível 7 a 1 de 2014: David Luiz, Fernandinho e Felipão ajudam a provar que o tempo é mesmo capaz de curar qualquer ferida

Enrico Benevenutti

E o que PLACAR antecipou no Guia da Libertadores, em março, se confirmou. O favoritismo de brasileiros e argentinos foi flagrante (um *hermano* e três brazucas nas semifinais) e, pela quinta vez na história, teremos uma final verde e amarela. Flamengo e Athletico-PR jogam pela "glória eterna" — e, de quebra, ajudam a resgatar o prestígio de três protagonistas de uma de nossas páginas mais tristes: o 7 a 1 da Copa do Mundo de 2014. Naquela tarde tristemente inesquecível em Belo Horizonte, o técnico da seleção canarinho era Luiz Felipe Scolari e, no gramado, David Luiz e Fernandinho foram apontados como dois dos culpados pela derrota acachapante. Agora, em 29 de outubro em Guayaquil, no Equador, os três voltam a campo devidamente redimidos, na condição de ídolos das duas torcidas rubro-negras, embora a um deles, apenas, caberá a láurea definitiva.

Fernandinho: a volta por cima com o rubro-negro paranaense

JOSÉ TRAMONTIN/ATHLETICO-PR

A GRANDE FINAL

29 DE OUTUBRO, GUAYAQUIL (EQUADOR)

Felipão, aos 73 anos: "Eu não tenho que dizer nada, só faço o meu trabalho"

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

NO OLHO DO FURACÃO

Ele é o primeiro técnico brasileiro a chegar a quatro finais de Libertadores. Precisa dizer mais alguma coisa sobre Felipão?

"O que posso dizer é que dificilmente vou continuar. Se eu conseguir mais algum título com esse grupo, e nós vamos conseguir, está na hora de terminar." O tom de despedida contagiou as falas de Luiz Felipe Scolari após o treinador conseguir chegar à sua quarta final de Libertadores — um recorde entre os técnicos brasileiros. Felipão conquistou o mundo — literalmente — e a família Scolari fez história na conquista do pentacampeonato em 2002. Quando todos esperavam que ele repetisse o sucesso, jogando em casa, na Copa de 2014, a história, dessa vez, lhe pregou uma peça, e que peça. De um dia para outro, todos passaram a considerá-lo ultrapassado, para dizer o mínimo.

Mas ele não se abalou. Seguiu trabalhando. Nesses últimos oito anos, comandou Grêmio, Guangzhou Evergrande (da China), Palmeiras (foi campeão brasileiro em 2018), Cruzeiro, Grêmio de novo e, desde maio deste ano, Athletico-PR. Gaúcho de Passo Fundo, completará 74 anos em 9 de novembro. "O que vou dizer? "Ultrapassado ou não, feio ou bonito... Eu não tenho de dizer nada. Só faço o meu trabalho. Se for bem, a avaliação é da torcida, dos diretores. Jamais vou ter uma avaliação diferente de outras pessoas. E o que falam daqui e dali não muda nada. Preciso estar contente comigo mesmo. Mesmo com 70 anos faço as coisas igual aos meninos de 20, pode acreditar. Não com a mesma frequência, mas faço", garante o treinador.

No Furacão, sempre no melhor estilo Felipão, ele mostra que um belo arroz com feijão não perde seu valor. Em 2014, após a derrota para a Alemanha por 7 a 1, ele dera a dica: "Minha vida continua. Alguns gostariam de ter me enterrado, mas eu não morri ainda". No dia 29 ele estará lá, de novo, brigando pela taça.

Há oito anos, o zagueiro e o meio-campista pareciam definitivamente separados do torcedor brasileiro. Mesmo com carreira consolidada na Europa e múltiplos títulos por milionários e poderosos clubes ingleses, nada parecia capaz de superar as dores daquela fatídica derrota. Mas, como diz o ditado, o tempo cura tudo... No fim de junho, Fernando Luiz Roza (então com 37 anos recém-completados) anunciou a volta para casa — trocou o Manchester City e o favoritismo na Premier League, além de mais uma Champions League, para perseguir um sonho frustrado em 2005: ser campeão da Libertadores com o Athletico, equipe que o revelou para o mundo. David Luiz Moreira Marinho (35 anos celebrados em abril) já havia feito esse mesmo caminho em setembro de 2021, quando deixou o Arsenal para mostrar seu futebol pelo Flamengo e cumprir uma promessa feita ainda em 2014: "Não vou fugir de nada e nunca vou desistir. Algum dia vou alegrar esse povo, de alguma forma".

A grande final é mais um capítulo da rivalidade entre o Furacão e o Mengão. O primeiro grande confronto entre os dois ocorreu em 2011, na Copa Sul-Americana. Em 2016, eles se enfrentaram na semifinal da extinta Primeira Liga. Mas desde 2019 o embate ganhou outra proporção: em quatro temporadas seguidas, as equipes rubro-negras se enfrentaram em jogos mata-mata na Copa do Brasil — com duas vitórias para cada lado. Um tempero especial do jogo deste mês é a presença de Felipão no banco athleticano. Ao conquistar a vaga na decisão ele se tornou o primeiro técnico brasileiro a chegar pela quarta vez à disputa pelo troféu da Libertadores. Se vencer, será seu terceiro título da competição, outra marca inédita *(leia mais sobre a trajetória do treinador no quadro ao lado).*

MATTHEW ASHTON/GETTY IMAGES

O volante e o zagueiro na tarde fatídica de 2014: os dois saíram como culpados pela derrota e nada parecia capaz de superar o espanto

Para Fernandinho e David Luiz, que vestiam as camisas 5 e 4 na Copa de 2014, as lembranças daquele Mundial estão cada vez mais distantes, ainda que não se apaguem (como não se apagam para nós, torcedores, que sofremos com a eliminação inesperada para uma Alemanha inspirada e impiedosa). No dia do jogo, ficou famoso o desabafo do zagueiro, que usava a faixa de capitão e foi entrevistado pela TV enquanto as lágrimas escorriam soltas pelo rosto, logo depois do assombroso vexame. "Eu só queria poder dar uma alegria para o povo, para essa gente que sofre tanto todos os dias. Infelizmente não conseguimos. Peço desculpas a todos os brasileiros. Só queria ver meu povo sorrindo", disse ele. Já o volante pouco falou sobre o acontecido. Sua entrevista mais longa a respeito da derrota saiu no jornal inglês *The Guardian:* "Foi provavelmente o pior momento da carreira de cada um dos jogadores brasileiros envolvidos naquele jogo... Teremos de aprender a viver com isso. Eu nunca assisti à reprise da partida e acho que nunca verei".

Mas, como já se disse, o tempo é capaz de curar tudo. David Luiz voltou a vestir a camisa da seleção algumas vezes, mas não foi convocado por Tite para o Mundial de 2018. "Muitas pessoas se esconderam, não quiseram dividir a responsabilidade, e eu carreguei o fardo durante muito tempo sozinho", lembra ele. Fernandinho, por sua vez, continuou brilhando intensamente no Manchester City (primeiro com o técnico Manuel Pellegrini e, desde 2016, com Pep Guardiola) e participou de quase todo o ciclo de preparação para a Copa da Rússia. Com Casemiro suspenso, entrou em campo e acabou sendo o vilão na eliminação para a Bélgica, nas quartas de final, ao marcar um gol contra e não parar com falta a origem do segundo gol adversário. A frustração pela nova derrota (somada a algumas ameaças sofridas) o fez pedir para não ser mais convocado.

Ainda em 2018, o treinador do escrete canarinho contou que lamentava muito a decisão: "O pri-

meiro atleta que senti vontade de chamar foi o Fernandinho. O número 1. Ele é um jogador extraordinário, joga muito. Entrei em contato, passei a informação, mas essa crueldade chegou à família dele, e ele disse que prometeu não voltar", afirmou Tite na época. Tudo isso são águas passadas. A vida seguiu seu rumo e, agora, David Luiz e Fernandinho saboreiam a redenção.

Fernandinho foi para o City em 2013, depois de oito anos no Shakhtar Donetsk. Três anos mais

DARREN WALSH/CHELSEA FC

No Chelsea: duas passagens, e a primeira Liga dos Campeões do clube, em 2012

TONY FLATHERS/MANCHESTER CITY FC

No City: ídolo da torcida e líder em campo, ele se tornou homem de confiança de Pep Guardiola e saiu com o maior número de títulos do time

tarde, Guardiola chegou para comandar o clube e afirmou que "se um time tiver três Fernandinhos, ele será campeão". Na temporada 2019-2020, atuou algumas vezes como zagueiro, sempre com classe e segurança. Mas se consagrou mesmo como volante — todos concordam que é um dos melhores do mundo. É o atleta com mais títulos na história dos citizens: catorze em quase uma década defendendo a camisa azul-clara. Após vencer o Campeonato Inglês, em maio deste ano, ele surpreendeu o mundo ao anunciar que não renovaria o contrato. Voltou a Curitiba e, agora, tenta levantar a taça que escapou naquela decisão de 2005 diante do São Paulo.

David Luiz, por sua vez, reergueu-se como se sabe: jogando em alto nível. Manteve o bom desempenho no Paris Saint-Germain, retornou para o Chelsea em 2016 (tinha atuado pelo clube de 2011 a 2014) como a negociação mais cara da história envolvendo um zagueiro, e seguiu para o rival Arsenal em 2019. O próprio atleta admite que não se adaptou ao estilo do técnico espanhol Mikel Arteta e decidiu encarar o retorno ao Brasil — justamente para o time de maior torcida, no momento em que o rubro-negro carioca buscava retomar o caminho dos títulos aberto dois anos antes pelo português Jorge Jesus. "Pensei muito e tomei uma decisão tranquila, em paz e totalmente feliz. Sei dos meus desafios, sei o tamanho do projeto e como o Flamengo é grande." Que vença o melhor. ■

UMA SOMBRA I

A GRANDE FINAL

12 DE OUTUBRO
NEO QUÍMICA ARENA

19 DE OUTUBRO
MARACANÃ

NCÔMODA

KAIO LAKAIO

Além da disputa pela taça e da vaga na Libertadores, a final entre as duas maiores torcidas põe pimenta no embate entre técnicos brasileiros e estrangeiros pelo protagonismo no nosso futebol

Leandro Miranda

Será uma festa. Pela primeira vez, a Copa do Brasil será decidida pelos dois clubes com as maiores torcidas. O Flamengo, que já chegou a sete finais, pega o Corinthians, com seis decisões no currículo, ambos em busca do quarto título do torneio (e da vaga antecipada para a Libertadores do ano que vem). Com certeza, as torcidas farão um espetáculo à parte, tanto na Neo Química Arena, palco do primeiro jogo, no dia 12 de outubro, quanto no Maracanã, uma semana mais tarde — fazendo valer como nunca a força do "12º jogador". Fora do gramado, haverá uma disputa para lá de interessante entre Dorival Júnior e Vítor Pereira, atrelada a uma indagação: afinal, os técnicos estrangeiros são melhores que os brasileiros?

Obviamente, não há resposta definitiva para essa discussão — que vem ganhando corpo desde 2019, com a passagem avassaladora do português Jorge Jesus pela Gávea, com cinco títulos (e apenas quatro jogos perdidos em pouco mais de um ano). Não há como negar, contudo, que dirigentes e torcedores estão inebriados com a onda dos técnicos gringos. Até três anos atrás, quando o Mister liderava o Flamengo e o argentino Jorge Sampaoli orientava o Santos, o máximo de estrangeiros comandando clubes brasileiros na Série A tinha sido quatro (o uruguaio Diego Aguirre

Vítor Pereira, o VP, e Dorival Júnior: os treinadores de Corinthians e Flamengo fazem um duelo à parte

RODRIGO COCA/AGÊNCIA CORINTHIANS

A Neo Química Arena em preto e branco: o caldeirão de Itaquera *(acima, em homenagem a Cássio)* é a arma do Timão para sair na frente

no Atlético-MG, o argentino Eduardo Bauza no São Paulo e os portugueses Paulo Bento e Sérgio Vieira, no Cruzeiro e no América-MG, na edição de 2016). De 2019 para cá esse número explodiu: foram sete no torneio de 2020, nove no ano passado e dez agora em 2022.

Essa preferência por forasteiros gerou alguns episódios constrangedores recentemente. Oswaldo de Oliveira subiu o tom ao dizer que "É só falar 'ora, pois' para dirigir o melhor time do Brasil" e garantiu que "não precisamos deles". Jorginho criticou Abel Ferreira (bicampeão da Libertadores com o Palmeiras, em 2020 e 2021) ao afirmar que os portugueses "não estão descobrindo o futebol" e o desafiou a ganhar títulos com o Atlético-GO.

O fato é que a "febre" chegou até a contaminar a conversa sobre o possível sucessor de Tite *(o próprio técnico da seleção afirma, na entrevista da página 6, que prefere que o novo nome seja alguém nascido no Brasil)*. O fato é que, nos clubes, há histórias de sucesso — caso do argentino Juan Pablo Vojvoda no Fortaleza, do uruguaio Paulo Pezzolano no Cruzeiro e, claro, do português Abel Ferreira, bicampeão da

O argentino Daniel Passarella: só quinze jogos à frente do Corinthians, em 2005

DANIEL AUGUSTO JR./EFE

PAULA REIS/FLAMENGO

O Maracanã em vermelho e preto: o estádio mais icônico do Brasil, com capacidade para mais de 78 000 pessoas, ferve com o Flamengo

Libertadores pelo Palmeiras — e outras nem tanto. O próprio Flamengo sentiu na pele que não basta ser de fora para se dar bem. Quando Jesus saiu, veio o espanhol Domènec Torrent, ex-auxiliar de ninguém menos que Pep Guardiola. Mas seu trabalho nunca convenceu. Rogério Ceni assumiu o posto e foi campeão brasileiro em 2020.

Mais tarde, o português Paulo Sousa também não conseguiu impor seu estilo de jogo ao elenco e foi vendo o clima se desgastar pouco a pouco, até ser trocado por Dorival Júnior em junho deste ano. E não há dúvidas de que o estilo mais "abrasileirado" de Dorival tem funcionado muito melhor — basta dizer que o rubro-negro está também na final da Libertadores *(leia mais na pág. 18)*. Aos 60 anos, o ex-volante nascido em Araraquara recuperou o prestígio de quando dirigiu o Santos de Neymar, Ganso e Robinho, no início da década passada. Como aquele time, o Fla de hoje joga com tabelas, aproximações, liberdade de movimentação. Vence e encanta.

Seu oponente nos confrontos deste mês é o também lusitano Vítor Pereira. Contratado por gostar de times ofensivos, que buscam ter a posse de bola e marcar com agressividade na frente, ele quase nunca conseguiu transportar essas ideias para a realidade. Os problemas concretos do Corinthians e do futebol brasileiro falaram mais alto: partidas em sequência, lesões e desgaste físico, atletas sem as características necessárias... Ainda assim, construiu uma equipe competitiva, que incendeia o Itaquerão.

VP, como é mais conhecido, conquistou o respeito da Fiel. Vale lembrar que, antes dele, o argentino Daniel Passarella tinha sido o último estrangeiro a treinar o Timão. Em 2005, ficou apenas quinze jogos no clube, entrou em rota de colisão com o elenco e foi demitido após ser goleado pelo São Paulo. A final da Copa do Brasil, aliás, pode ser o último fado de Pereira em terras brasileiras. O treinador sente saudade da família em Portugal e ainda não tem a permanência confirmada para 2023. Dorival ou Vítor, quem ficar com o título vai jogar mais um pouquinho de pimenta nessa briga. ■

ALEXANDRE VIDAL/FLAMENGO

O português Jorge Jesus: seu sucesso, em 2019, deu origem à onda de técnicos estrangeiros

O TRISTE JOGO DA DÉCADA

Os torcedores tricolores que viajaram a Córdoba, na Argentina, e impediram que o Estádio Mario Kempes estivesse às moscas, foram frustrados pela apatia tricolor e pela organização do Independiente del Valle

Luiz Felipe Castro

Era para ter sido uma memorável festa tricolor. Os cerca de 10 000 torcedores do São Paulo que se mandaram em caravanas de carro, ônibus e avião rumo à cidade de Córdoba, na Argentina, estavam ávidos por voltar a celebrar uma conquista continental. Nem mesmo a mais recente lembrança era assim tão gloriosa. O título da Sul-Americana de 2012 veio com um jogo incompleto, depois de um vergonhoso abandono dos argentinos do Tigre no Morumbi. Desta vez, tinha de ser uma farra completa. Nada disso: apesar do amplo favoritismo prévio, o chamado "jogo da década" para os brasileiros terminou com um justíssimo triunfo por 2 a 0 do Independiente del Valle, do Equador, no Estádio Mario Alberto Kempes.

O primeiro baque veio logo de cara. Assim como no ano passado, na final entre Athletico-PR e Red Bull Bragantino em Montevidéu, a ampla maioria das arquibancadas estava vazia. Na ânsia de copiar tudo que vem da Europa, como as finais em jogo único e campo neu-

A decepção no gramado: cabe ao tricolor agora recuperar os ânimos e voltar a subir a longa ladeira de recentes frustrações, em uma década de resultados ruins

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A festa do título dos equatorianos: um time forte, com história vencedora no continente

ALEXANDRE BATTIBUGLI

tro, a Conmebol ignora as dificuldades de se viajar pela América do Sul, sem falar no preço dos ingressos (em dólar). Como o jovem clube do Del Valle tem pouquíssimos fãs, e os cordoveses deram de ombros para o duelo, o cenário mais fazia lembrar um jogo de estadual, sem apelo, no Morumbi.

Mas, ao menos em campo, havia argentinos muito interessados: Lautaro Díaz e Lorenzo Faravelli marcaram os belos gols, um em cada tempo, e definiram o triunfo da equipe equatoriana, que ainda teve chances de aumentar, como em chute de Junior Sornoza, ex-Fluminense e Corinthians, que explodiu na trave. O São Paulo até tentou reagir, especialmente em jogadas com outro *hermano,* Jonathan Calleri, que, no entanto, perdeu a cabeça e foi para o chuveiro mais cedo, bem como Diego Costa.

Entre tantos rostos de decepção, nenhum se destacava mais do que o de Rogério Ceni. Dono de dez títulos internacionais pelo São Paulo nos tempos de goleiro-artilheiro, incluindo duas Libertadores e dois Mundiais, ele buscava seu primeiro caneco no clube de sua vida, à margem do gramado. Desde sua aposentadoria, em 2015, o Tricolor ergueu apenas um campeonato, o Paulista de 2021, sob o comando de outro argentino, Hernán Crespo. Ceni apostou todas as fichas nessa partida e dividiu sua frustração com os torcedores. "Era um dia muito importante na história do clube, podíamos ter mudado essa década de luta e sofrimento", lamentou. "O torcedor que veio com muitas dificuldades, compareceu em um número muito legal, cantou, incentivou, e não vai sair daqui com o título, isso é o que mais machuca."

Nada amenizará a tristeza do torcedor são-paulino, sem dúvida, mas justiça seja feita: o Del Valle não é um time qualquer, ao contrário. Dono de um projeto moderno, o clube de Sangolquí, região metropolitana de Quito, já foi vice da Libertadores, em 2016, e ganhou duas Sulas (a outra foi em 2019) — com uma estrutura e organização de fazer inveja ao gigante brasileiro. Ao São Paulo cabe agora a reconstrução de ânimo. ■

Entre o cubo mágico e o skate, um estranho no ninho do futebol: "Sempre me senti diferente"

A LIBERTAÇÃO DE SCARPA

Quase negociado pelo Palmeiras em 2020, o meia virou o jogo: transformou-se em um dos principais rostos do time de Abel Ferreira e ainda encontrou a melhor versão de si — com hobbies incomuns aos boleiros. Agora, quer um último título antes de dizer adeus

Klaus Richmond e Leandro Miranda

Foi uma queda, e uma queda feia. Só assim Gustavo Scarpa percebeu que precisava mudar completamente o rumo para dar a volta por cima, na vida e na carreira. Em seu pior momento no Palmeiras, encostado por Vanderlei Luxemburgo e sem perspectiva de jogar de novo, o meia que chegara a peso de ouro do Fluminense dois anos antes estava em uma encruzilhada. A reviravolta começou de modo inusitado: quando subiu no skate pela primeira vez, tentou uma manobra e caiu. Uma vez no chão, só havia uma escolha: levantar-se.

"Eu estava na casa de um amigo em Hortolândia *(cidade onde foi criado)*, e o moleque lá com um skate. Era uma época muito em baixa no Palmeiras, logo no começo da pandemia, em junho de 2020. E aí subi no skate e vi que meu corpo estava com necessidade de algo novo. Tentei um *ollie* e tomei um capote monstro, os caras até se assustaram. A primeira coisa que pensei foi: 'Caramba, era disso que eu estava precisando'. No chão mesmo. Eu só fazia coisas com o futebol envolvido: futevôlei, futmesa, fute alguma coisa. Foi uma libertação. Tive até atrito com o meu pai, porque ele estava preocupado com o meu futuro, mas aí uma frase tomou mais poder na minha vida: só se vive uma vez."

O episódio foi lembrado em meio a risadas em uma conversa com a reportagem de PLACAR. O Scarpa de hoje é leve, confiante e seguro de si, ao contrário daquele outro. É bem fácil ver esse renovado estado de espírito se refletir no meia que, dentro de campo, é um dos destaques do Palmeiras multicampeão dos últimos anos e um dos melhores jogadores do Campeonato Brasileiro.

A poucos meses do fim do contrato — vai para o Nottingham Forest da Premier League no ano que vem —, ele vive sua melhor fase, em meio a hobbies nada comuns no mundo dos boleiros. Entre os passatempos, além do skate — que, nas palavras do jogador, "tomou sua vida de uma maneira surreal" —, estão atividades incomuns, como a leitura, o wakeboard, os desafios do cubo mágico e o gosto pelo rock'n'roll. Dentro de um vestiário de futebol, tudo isso faz com que Scarpa pareça praticamente um extraterrestre, mas ele não sofre com essa condição. "Sempre me senti diferente, mas vejo com bons olhos. Quando subi para o profissional do Fluminense *(em 2014)*, pegavam muito no meu pé. Eu tinha um bigodinho, era muito mais magro, cristão, gostava de rock... fiz escolhas completamente diferentes, renúncias..." Hoje, aos 28 anos, é ele quem comanda as brincadeiras com os novatos no Palmeiras, e os faz rir.

KAIO LAKAIO

CESAR GRECO/PALMEIRAS

Na apresentação, em 2018, ao lado do ex-presidente Maurício Galiotte: 11 quilos a menos

Apesar do trato sempre amigável, Scarpa, nas suas próprias palavras, é seletivo para formar laços mais fortes de amizade. Nada, porém, que o impeça de ser um dos jogadores mais queridos entre os companheiros. Em seu canal no YouTube, onde exibe as diversões fora da bolha do futebol, ele pinta o sete. Já levou Raphael Veiga para andar de wakeboard, incentivou Luan a ler mais livros e fez uma parceria com a prefeitura de Hortolândia para a construção de uma megapista de skate, cujas obras começam ainda neste ano.

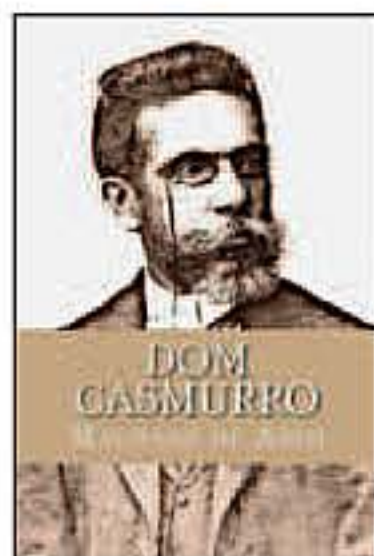
A divulgação de todo esse turbilhão de atividades extracampo é vista com bons olhos porque em sua "função principal", a de jogador do Palmeiras, as coisas estão indo muito bem, obrigado. Scarpa é titular absoluto, bicampeão da Libertadores e dono de mais de trinta assistências nas duas últimas temporadas. "Se a fase não fosse boa, eu não iria postar", admite. "A vitória esconde muitas coisas. No Brasil, o que importa é o resultado. Ganhando, você pode andar de skate, fazer o que quiser." Pode inclusive aparecer sorridente com um cachorrinho no colo, em fotografia que viralizou *(veja na pág. ao lado)*.

A fase, contudo, muitas vezes passou longe de ser boa. Contratado em 2018 após conseguir se desvincular do Fluminense na Justiça — só com luvas e comissões o Palmeiras acordou o pagamento de 24 milhões de reais à época —, chegou com o status de um dos melhores meias do Brasil, mas demorou para

A ESTANTE DO CRAQUE

Scarpa fez sucesso com suas dicas sinceras e humoradas de livros postadas nas redes sociais

"Uma sátira muito interessante sobre política. Para mim, é uma obra atemporal."

A Revolução dos Bichos
George Orwell

"O Casmurro eu digo que traiu, mas falo para as pessoas lerem e tirarem as suas próprias conclusões."

Dom Casmurro
Machado de Assis

"Angustiante, o maior romance esquisito. É meio tenebroso, mas é legal, vale muito a pena."

O Morro dos Ventos Uivantes
Emily Brontë

"Às vezes a alegria causa efeitos estranhos, machuca tanto quanto a dor."

O Conde de Monte Cristo
Alexandre Dumas

engrenar. A primeira temporada foi marcada por uma batalha judicial com o Flu que o tirou de campo por mais de três meses. Após um 2019 promissor, quase foi vendido ao Almería, da Espanha. Mas o negócio melou, o jogador começou a treinar separado e foi praticamente esquecido por Luxemburgo no começo de 2020.

"Eu me sentia sem saída. Mas não queria mudar de time na primeira adversidade, ficar pulando de galho em galho. Pensei: 'É isso que eu tenho, não tem como ficar pior. Se vira, Scarpinha'." E assim, de novo, agiu fora da caixa: confiou no próprio taco e recusou uma proposta do Atlético-MG para ganhar o dobro. A determinação e o renascimento mental e físico com a descoberta de atividades fora do mundo da bola foram essenciais, mas Scarpa não esquece de outro personagem fundamental na reviravolta: Abel Ferreira. A chegada do treinador português, em outubro de 2020, foi o passo que faltava para o camisa 14 voltar a brilhar.

FABIO MENOTTI/PALMEIRAS

Com um cachorro de ONG, antes de um dos jogos do Verdão: a fotografia viralizou

"Nesses últimos dois anos o meu futebol evoluiu muito tática, defensiva e fisicamente", diz. "Me fizeram enxergar isso de uma maneira indireta, porque não me falaram, mas com atitudes eu pude perceber. Não só o Abel, mas a comissão toda. Eles são muito entrosados e dedicados nessa parte tática." O respeito mútuo resultou em reação positiva do treinador quando apareceu o convite para a Inglaterra. "Vai com Deus", disse o lusitano, com sinceridade. Bicampeão europeu nos anos 1970, o Forest voltou à primeira divisão inglesa após 23 anos e briga para não ser rebaixado de novo. Scarpa já acompanha um pouco de seu futuro time, apesar da concentração no Palmeiras a caminho do título brasileiro. Ele evita ver jogos completos para não perder a atenção, mas assiste aos melhores momentos. E já espiou o calendário para ver quais estádios icônicos terá a chance de conhecer. "Pior que só posso jogar em janeiro, e o time vai jogar em 26 de dezembro contra o Manchester United no Old Trafford, e contra o Chelsea no dia 30. Vai ser uma aventura, mas quero respirar novos ares. Estou superempolgado", afirma.

A diferença de ritmo e intensidade para o futebol inglês não assusta — desde que chegou ao Palmeiras, ele saltou de 66 para 77 quilos. "Hoje, faço coisas em campo que nunca imaginei que fosse aguentar, fisicamente falando. Nunca vou deixar de ser um magrelo, mas se tiver de ganhar mais uns quilos, estou preparado. Minha vida não é só Trakinas e leite condensado", brinca, fazendo referência às guloseimas que viraram suas parceiras fiéis a cada nova comemoração de título pelo Palmeiras. E não foram poucas: Scarpa já levantou sete taças (duas Libertadores, dois Paulistas, uma Copa do Brasil, uma Recopa Sul-Americana e um Brasileiro). "Tinha um pouco de medo de assinar um pré-contrato e ter um mau desempenho, mas não. Outro dia fui andar de skate e um palmeirense me cumprimentou, disse que achou que eu ia tirar o pé. Fiquei feliz e falei: 'Da hora, mano'."

Da hora mesmo seria uma eventual convocação para a seleção brasileira. Na Inglaterra, ele acha que ficaria mais próximo do objetivo. "Continuo acreditando. O que tiver de ser meu, será meu. Da mesma forma que eu achava que não iria rolar uma ida para a Premier League com 28 anos, e a chance apareceu. Não pago para sonhar." Scarpa está nas nuvens. ■

A IMAGEM QUE RESPLANDECE

Depois de três anos de calvário na Série B, o céu de Belo Horizonte voltou a brilhar em azul. PLACAR acompanhou o fim da saga do Cruzeiro, que teve Pezzolano, Edu e o chefão Ronaldo como coadjuvantes de luxo do real protagonista: a torcida da Raposa

Guilherme Azevedo, de Belo Horizonte

"Existe um grande clube na cidade, que mora dentro do meu coração. Eu vivo cheio de vaidade, pois na realidade é um grande campeão", diz o hino composto por Jadir Ambrósio, em 1965. À época, o torcedor do Cruzeiro tinha motivos de sobra para se envaidecer. A Raposa tinha craques como Dirceu Lopes e Tostão, que um ano depois conquistariam a Taça Brasil (atual Série A do Brasileirão), com direito a uma goleada por 6 a 2 sobre o Santos de Pelé e companhia. Desde então, o gigante celeste seguiu empilhando taças — as últimas, no entanto custaram caro, caríssimo. Os gastos exorbitantes para montar elencos badalados aliados a gestões nada profissionais, que viraram até caso de polícia, resultaram em um rombo financeiro imenso e, naturalmente, em um inédito rebaixamento. O que parecia ser um breve percalço, comum a outros gigantes, acabou durando três intermináveis anos. Ou um pouco menos, já que o retorno à elite veio de forma bastante antecipada, com uma memorável festa no Mineirão.

Atolado em dívidas, o Cruzeiro estreou na Série B da pior maneira, ao descobrir que raios seria o tal *Transfer Ban:* uma punição da Fifa que proíbe novas contratações e, para piorar, que impôs a perda de 6 pontos logo na estreia da segundona, em 2020. A aventura terminou com um amargo 11º lugar, sem nenhuma esperança de volta. Por incrível que pareça, a temporada seguinte conseguiu ser ainda pior, com o 14º posto, a 5 pontos do rebaixamento para a Série C. Era consenso geral: o Cruzeiro estava mais perto do ostracismo e da falência do que da reconstrução. Como nada é tão ruim que não possa piorar, seu eterno rival Atlético venceu a Série A, encerrando um jejum de cinquenta anos na competição, e ainda bicou a Copa do Brasil.

Apenas uma recuperação fenomenal devolveria o orgulho aos cruzeirenses. Eis que, sem sinalização prévia alguma, surgiu um velho "salvador": Ronaldo Nazário de Lima, o filho mais pródigo da Toca da Raposa, de passagem memorável pelo clube entre 1993 e 1994, antes de ganhar o mundo e duas Copas pela seleção. Em meio ao processo de transformação do clube para Sociedade Anônima do Futebol (SAF), o ex-atacante fez um investimento inicial de 400 milhões de reais e se tornou seu sócio majoritário. De cara, buscou implementar uma gestão mais responsável, a ponto de comprar uma briga e tanto ao dispensar o ídolo Fábio, pouco antes de o goleiro completar 1 000 jogos pelo time. A tempestade passou e, com uso racional de verba, um novo elenco foi se construindo até o jogo virar de vez. E, enfim, o azul voltou a brilhar como antes.

THOMAS SANTOS/STAFF IMAGES

STAFF IMAGES

Uma noite para sempre: em campo, a equipe garantiu o acesso diante do Vasco; nas arquibancadas do Mineirão, a emoção tomou conta de todos, jovens e idosos, sobretudo do aniversariante Ronaldo, o Fenômeno

THOMAS SANTOS/STAFF IMAGES

THOMAS SANTOS/STAFF IMAGES

Desiludida com o insucesso de "velhas raposas" (com o perdão do trocadilho), Vanderlei Luxemburgo e Luiz Felipe Scolari, a nova diretoria decidiu apostar em sangue novo: o técnico o uruguaio Paulo Pezzolano, 38 anos, adepto de ofensividade e marcação intensa e até então um completo anônimo. Ex-meio-campista, com passagem inglória pelo Athletico Paranaense em 2006, ele iniciara a nova carreira de maneira inusitada, ainda como "jogador-treinador" do Torque, de seu país, em 2017. Depois de se destacar no Liverpool de Montevidéu e no Pachuca, do México, desembarcou como um dos responsáveis pela reestruturação cruzeirense. A filosofia de jogo que a diretoria esportiva buscava se encaixou perfeitamente com suas ideias — e com as da massa. "O torcedor precisava acreditar no que estávamos fazendo. Como? Jogando a vida em cada bola, deixando tudo, com a equipe se matando para ganhar", disse a PLACAR.

O casamento não demorou a engatar. Ainda no Campeonato Mineiro, em momento menos estável politicamente e de formação de elenco, o Cruzeiro deixou boa impressão apesar da derrota para o Galo na final. Em outro contexto, a perda para o rival poderia ser o início de uma derrocada, com risco de demissão do técnico. Porém Pezzolano garante que foi realmente prestigiado, especialmente por Ronaldo. "Eu já o admirava como jogador, foi um craque. Como

Já era hora: o atacante Edu *(à esq.)* e o jovem técnico uruguaio Paulo Pezzolano caíram rapidamente nas graças dos cruzeirenses . "É um clube imenso, do qual tenho muita honra de fazer parte", disse o goleador do time na temporada

THOMAS SANTOS/STAFF IMAGES

chefe também é muito bom. Há donos e presidentes que nunca jogaram futebol e acham que sabem tudo, aí começa um problema", diz. "Ele não fala nada, mesmo tendo sido quem foi. Como pessoa é ainda maior do que foi como jogador."

Em campo, o grande nome do time é Edu, contratado após ser artilheiro da Série B passada, pelo Brusque. "Claro que dói muito perder, ainda mais para um rival. O Cruzeiro nunca entra pensando em algo menor do que o título. Mas quando ficamos com o vice, no Estadual, vimos a torcida fazendo uma linda festa e sabíamos que o futebol apresentado tinha sido bom", conta o atacante de 29 anos, autor de vinte e um gols nos primeiros nove meses do ano. "Tive algumas sondagens, mas, quando chegou a mim que o Cruzeiro gostaria de pagar minha multa, não pensei duas vezes. É um clube imenso e do qual tenho muita honra de fazer parte, principalmente quando a torcida canta meu nome."

No quebra-cabeça do retorno do Cruzeiro à elite, a peça que ligou todas as outras foi mesmo a arquibancada. Somando jogos do Mineiro, Brasileiro e da Copa do Brasil, cerca de 900 000 vozes empurraram o Cabuloso, como gostam de chamar o time. Músicas para afastar a Série B, mosaicos e o apoio incondicional embalaram o roteiro perfeito. O sofrimento de três anos foi transformado em paixão. Depois de 107 rodadas de Série B, 31 nesta edição de 2022, o Cruzeiro, enfim, desentalou o grito: "Eu voltei". O retorno se deu de forma épica, no encontro com outro gigante caído, o Vasco, em 21 de setembro, diante de quase 60 000 torcedores. A festa começou com um show de luzes e música, comandado pelo "herdeiro" cruzeirense, o DJ Ronald, filho de Ronaldo. Quando a bola rolou, os gols de Machado, Edu e Luvannor garantiram um inapelável 3 a 0. O concreto do Gigante da Pampulha balançou e a farra estava completa, especialmente para Ronaldo, que celebrava seus 46 anos.

Aclamado a cada momento em que aparecia no telão, o Fenômeno também causou impacto ao surgir radiante na sala de imprensa. "Nós trabalhamos muito para conseguir isso. É uma noite especial demais. Jogadores, direção e torcida, em especial, estão de parabéns. Foram três anos de sofrimento, mas agora vamos comemorar." O título viria na rodada seguinte, a seis do término do campeonato, um recorde – em 2008, o Corinthians subiu a quatro jogos do desfecho.

Ronaldo, porém, manteve os pés no chão e tratou de não iludir os fanáticos. "Não podemos esquecer a dificuldade que vamos enfrentar. " Ele não pretende cometer as loucuras de seus antecessores e pôr o futuro em risco. Melhor assim. O Cabuloso fez falta na elite. Bem-vindo de volta, campeão. ■

AS BRABAS BRILHAM COM ELE

Arthur Elias, o "rei Arthur", está na base do sucesso do Corinthians, que acaba de conquistar o tetracampeonato brasileiro

Galeria de troféus: desde 2016 à frente do Timão, ele já ganhou também o Paulistão, a Copa do Brasil e a Libertadores

Maria Fernanda Lemos e Mariáh Magalhães

O Rei Pelé resumiu tudo nas redes sociais. "Em um lindo dia de sol, testemunhamos o futebol feminino brilhar mais forte. Famílias inteiras no estádio, muitas crianças e um jogo de qualidade. Recorde de público, mas acima de tudo isso, um momento inesquecível. Existem feitos que só o esporte consegue realizar." Claro, ele se referia à grande final do Campeonato Brasileiro Feminino, disputada em 24 de setembro, na Neo Química Arena. O Corinthians confirmou seu favoritismo e venceu o torneio pela quarta vez (a terceira consecutiva), num sábado que já entrou para a história da modalidade.

Uma semana antes, em Porto Alegre, a torcida do Inter havia estabelecido um novo recorde de público para jogos entre mulheres na América do Sul: 36 330 torcedores enfeitaram o Beira-Rio para a primeira metade da decisão (empate de 1 a 1), superando largamente a marca de 30 077 pessoas que estavam presentes na final do Campeonato Paulista de 2021, entre o Timão e o São Paulo. A expectativa para os noventa minutos derradeiros do torneio fez com que 41 070 espectadores lotassem o Itaquerão. Mais do que isso, a venda de ingressos rendeu mais de 900 000 reais. A festa foi toda alvinegra. Apesar de as Gurias Coloradas terem saído na

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A festa alvinegra em casa: apesar da campanha regular na primeira fase, o time amassou o Inter na grande final do Brasileirão

frente, com um gol de Sorriso numa falha da defesa adversária, as Brabas mostraram por que o melhor elenco está também acostumado a vencer. Jaqueline e Diany viraram ainda no primeiro tempo e, na etapa final, Vic Albuquerque e Jheniffer completaram o 4 a 1.

O sucesso do futebol feminino no Brasil deve-se, claro, ao talento das jogadoras. E o Corinthians tem papel fundamental nisso: desde que estreou no torneio, em 2016, já levantou a taça em quatro ocasiões (2018, 2020, 2021 e 2022) e foi vice em outras duas (2017 e 2019). Seu elenco conta com estrelas da grandeza de Tamires, Gabi Portilho e Diany, além das jovens atacantes Jheniffer e Adriana. Mas todos concordam que há um outro protagonista nessa história: o técnico Arthur Elias, de 41 anos, que se tornou referência na categoria.

Ele está no comando do time alvinegro desde 2016 (na época, o Corinthians tinha uma parceria com o Audax) e já conquistou também a Copa do Brasil (2016), o Campeonato Paulista (2019, 2020 e 2021) e a Libertadores (2017, 2019 e 2021). Antes, havia levantado o troféu do Brasileirão de 2013 com o Centro Olímpico. Não por acaso, seu apelido é rei Arthur. Na atual temporada do Brasileirão os adversários chegaram a sonhar em destroná-lo. No fim da primeira fase, o time terminou apenas na quarta colocação, mas no mata-mata prevaleceu a experiência. As Brabas chegaram com força total e eliminaram o Real Brasília e o Palmeiras (líder da classificação inicial) para enfrentar o Inter na decisão.

Natural da capital paulista, Arthur Elias foi jogador das categorias de base do São Paulo até os 17 anos, mas decidiu trabalhar do lado de fora do campo. "Queria estar num ambiente em que pudesse me desenvolver, e o futebol feminino me permitiu isso. Sempre pude desenvolver meu trabalho com continuidade, o que me fez um profissional melhor, sem dúvida", afirmou em entrevista. Ele se orgulha em dizer que nunca foi demitido pelos times nos quais atuou. Depois de passagens como treinador de equipes universitárias, esteve também no Centro de Práticas Esportivas da USP, no Mackenzie e no Clube Nacional.

No Centro Olímpico, referência na formação de jogadoras num período de pouquíssimos investimentos pelo país, exerceu as fun-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Estádios cheios: 41 070 espectadores lotaram o Itaquerão em 24 de setembro, superando o recorde de público que havia sido...

ções de coordenador de profissionais de Educação Física e de técnico do time profissional — e garante que foi ali que começou sua "virada" na carreira. Em 2013, ano em que a CBF organizou o primeiro Brasileirão feminino (um torneio sem grande aparato, com apenas oitenta dias de duração), ele foi o primeiro treinador a levantar a taça ao vencer o favorito São José na final. Sua equipe contava com ninguém mais ninguém menos que Cristiane, Tamires e Gabi Zanotti, artilheira daquela edição, com doze gols.

A parceria entre Corinthians e Audax, iniciada em 2016, encerrou-se apenas um ano depois, mais o rei Arthur permanece no clube e vem acompanhando de perto o desenvolvimento e a estruturação do departamento de futebol feminino comandado por

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O gol de Jheniffer contra o Inter, nos acréscimos: vitória fácil da equipe mais experiente

CRIS MATTOS

... estabelecido em Porto Alegre uma semana antes, quando 36 330 torcedores encheram o Beira-Rio no primeiro jogo da decisão nacional

Cris Gambaré — outra personagem fundamental nesse percurso de consolidação da modalidade. O investimento teve seu melhor momento no ano passado, quanto o Timão ganhou a tríplice coroa com direito a exibições de gala. Tantos títulos e, principalmente, o reconhecimento pelo trabalho fazem com que o treinador seja apontado como um dos favoritos para assumir a seleção brasileira feminina em algum momento (hoje, o posto é da sueca Pia Sundhage). Elias também não esconde a intenção de, um dia, migrar para o futebol masculino. Ele conta que já recebeu algumas propostas, mas garante que essa transição será bem planejada.

Nos últimos dez anos, Arthur Elias só viu crescer seu reconhecimento no esporte. Segundo ele, os resultados positivos são fruto de um conjunto que une a parte física à mental e envolve aspectos de tática e técnica, de forma a levar para os jogos o trabalho dos treinos. "É importante manter a posse de bola, fazer um jogo objetivo e saber trabalhar a bola no ataque", diz. "Assim, desgastamos a equipe adversária e conseguimos mandar no jogo, sem necessariamente ter um melhor preparo físico." Adepto confesso do futebol de alta intensidade e de eficácia dentro da grande área, Arthur Elias destaca que a qualidade das atletas, "peças-chave para o sucesso porque são jogadoras fantásticas", só aumenta a confiança mútua. "Eu confio nelas e elas sabem disso. Atuam com identidade, entrega, a tradicional raça corintiana e apresentam um futebol bem organizado."

A vitória no Brasileirão deste ano teve ainda um toque de superação. Foi preciso mudar o time constantemente, por causa do grande número de lesões, das convocações para a seleção e da agenda apertada, com partidas entremeadas com as do Campeonato Paulista. "Em boa parte da temporada tínhamos apenas quinze jogadoras de linha nos treinamentos", lembra o treinador. "Foi um alívio conseguir relacionar 23 atletas na reta final do torneio nacional." Verdadeiro soberano no futebol feminino, o pai do pequeno Aluísio (de 5 anos) vem mostrando no dia a dia uma forma diferenciada de preparar sua equipe. Muitos dizem que será inevitável ele deixar o Corinthians. Até lá, o rei Arthur segue escrevendo seu nome na história do clube e, mais que isso, ajudando a conduzir o futebol feminino brasileiro ao patamar que tanto merece. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

Em treino da seleção em 1970: o treinador é reconhecido como parte do tri

CARLOS NAMBA

A FERA INDOMA

ÁVEL

Na semana em que PLACAR foi lançada, em 1970, caiu João Saldanha, técnico da seleção. Na edição número 2, saía uma "carta aberta" de um personagem como poucos

PLACAR nasceu, em março de 1970, no embalo da Copa do Mundo, que seria disputada em junho daquele ano. O Brasil tinha sido campeão em 1958 e 1962, mas o fracasso de 1966, na Inglaterra, só fez aumentar a expectativa pelo tri, que efetivamente chegaria nos gramados mexicanos. Assim que a edição número 1 da revista chegou às bancas, João Saldanha, ruidoso jornalista que assumira como técnico do time canarinho um ano antes e liderara uma fantástica campanha nas eliminatórias (com 100% de aproveitamento, o que rendeu aos jogadores o apelido de "feras do Saldanha"), foi demitido pela então Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Alguns diziam que ele tinha batido de frente com a ditadura militar (o presidente Emílio Garrastazu Médici defendia a convocação do centroavante Dario). Boa parte da imprensa o criticava pelos testes que fazia ao escalar o 11 verde e amarelo. E quase ninguém o poupava por dizer que Pelé não estava 100% e precisava de cuidados médicos. No meio desse

A capa do número 2 de PLACAR: cinco páginas para o desabafo do demitido

"tiroteio", PLACAR abriu espaço para o próprio João contar o que estava vivendo. O artigo, com cinco páginas de texto corrido, sem uma foto ou ilustração, é puro suco de "saldanhismo": direto, agressivo, sem papas na língua, egocêntrico, megalomaníaco.

"Um dia o doutor Antônio do Passo apareceu na minha casa e me convidou para ser treinador da seleção brasileira", começava o texto. "Não falou em contrato, em dinheiro, em nada. Só perguntou se eu queria ser o treinador da seleção. Eu disse a ele:

— Isso é uma sondagem ou um convite?

— É um convite.

— Topo.

Eu disse à imprensa que já tinha sido convidado três vezes. Foi mentira: fui convidado cinco vezes, em 1958, 1966, 1967, 1968 e 1969. Aceitei porque achava que daria uma dimensão maior à luta que sempre travei na imprensa. São nove anos de artigos assinados no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, em defesa do maior patrimônio esportivo brasileiro: o jogador. Em defesa do jogador contra o cartola, o oportunista, o aproveitador. Topei a parada sabendo que ia brigar contra a inveja, a calúnia, a perfídia. Topei porque sabia que nosso país precisa de alegria. Sabia que ia me aborrecer muito, que ia lutar contra tudo."

João nasceu em Alegrete (RS) em 3 de julho de 1917. Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez sua vida. Formou-se em direito, tornou-se um dos principais e mais fervorosos militantes do Partido Comunista Brasileiro, jogou profissionalmente pelo Botafogo, largou a bola, graduou-se em jornalismo e virou um dos maiores expoentes da crônica esportiva nacional. Teve sua primeira experiência como técnico em 1957 (pelo alvinegro carioca).

A abertura da "carta aberta" do ex-técnico: puro suco de "saldanhismo"

"Quando eu entrei na seleção, escalei o meu time. Então sofri as maiores injunções que jamais alguma pessoa possa ter sofrido. Fui para as eliminatórias, lutei. Entre os dezesseis países classificados para disputar a Copa, o Brasil foi o que conseguiu a classificação mais brilhante, elogiada por toda a imprensa estrangeira. Impus o respeito ao treinador brasileiro. Tenho em meu poder os elogios feitos por Matt Busby, do Manchester United, o homem mais competente em futebol no mundo inteiro. A seleção estava desmoralizada. O Maracanã não enchia, nem contra a seleção da Alemanha. O povo não acreditava mais. Eu achava que devia promover o nosso futebol — provocar, chamar atenção pra cima da gente, pra cima de mim se fosse preciso. Devíamos chamar o povo de novo pra dentro do Maracanã. E acho que tive grande êxito nessa parada."

Nelson Rodrigues apelidaria Saldanha de "João sem Medo". Batia de frente com o regime militar, alheio a ameaças, defendia suas convicções. "Se perguntarem hoje por que fui demitido, palavra de honra, juro pela Teresa e pelas crianças que não sei. Porque não me deram nenhuma explicação, tentaram fazer com que eu pedisse demissão. Ora, um homem de luta não pede demissão. Disseram-me que a comissão técnica estava dissolvida. Eu respondi:

— Não sou sorvete para ser dissolvido. O que quer dizer dissolvido? Estou demitido?

— Está demitido.

— Até logo, boa noite, vou para casa dormir."

Em seguida, solta o verbo para

João e Pelé: o camisa 10, "o jogador mais sacrificado", "o jogador mais explorado"

CARLOS NAMBA

contar bastidores de seu trabalho à frente da seleção.

"Pelé é o jogador mais sacrificado do futebol brasileiro, o jogador mais explorado. Ganha por jogo, por participação — e precisa jogar, porque senão seu clube não ganha. Mas ele é um ingênuo, uma criança: não sabe que é o homem mais explorado do mundo. Em torno dele muita gente enriqueceu. Pelé é o gênio do futebol, o rei do futebol, o maior jogador de todos os tempos. É possível que apareça um jogador melhor do que Pelé, mas para mim isso jamais ocorrerá.

Contra esse rapaz têm sido cometidos os maiores crimes, os crimes mais estarrecedores. Feitos os exames médicos, são-me apresentados os problemas, mas superficialmente, sem nenhum caso sério. Então nós fomos para o campo jogar a primeira partida com o Peru, à noite. Com quinze minutos de jogo, puxei pela camisa o supervisor Adolfo Milman, o Russo, e disse-lhe:

— Há algo de estranho, você não acha?

— O quê?

— Com o Pelé.

— Acho.

Perguntei ao médico se havia algum problema com Pelé. Ele disse que não. Veio outro jogo. Perguntei novamente ao médico, e ele respondeu que não havia nenhum problema com Pelé. Quando Pelé errou duas ou três jogadas em outro jogo noturno, eu disse:

— Pelé errou aquelas jogadas porque não enxergou a bola.

Então o médico me disse que tinha feito um exame em Pelé. Quanto a isso, vou dizer uma coisa: nunca esse médico me deu qualquer laudo, embora eu tenha pedido mais de 200 vezes. Continuou o negócio, ganhamos a eliminatória. Então o doutor Lídio Toledo me confessou que Pelé so-

ASSIS HOFFMANN

Médici *(com um rádio)*: até hoje a versão mais aceita para a saída do técnico envolve a pressão da ditadura para influir na convocação

fria de miopia. Eu jamais revelei esse problema. E lamento que o doutor Lídio — informante de um jornal do Rio, não sei se como assalariado ou gratuitamente — tenha revelado isso.

Eu tirei Gérson do campo porque Gérson estava em ponto de bala. Se o Gérson estava em ponto de bala e a Copa do Mundo vai ser disputada a partir de 3 de junho, e nós estamos em março, eu quis poupar Gérson.

Com Pelé se dava o contrário. Ele vinha de uma série de atuações irregulares que me preocupavam. No jogo com a Argentina, em Porto Alegre, eu quis tirar Pelé aos quinze minutos do segundo tempo. Logo em seguida saiu um gol da Argentina. Tirar Pelé, o nosso maior patrimônio, poderia parecer que jogava a culpa da derrota em cima dele. E engoli a derrota sozinho."

Boa parte da responsabilidade por essa situação, acreditava Saldanha, repousava nas atitudes de Lídio Toledo (1933-2011), médico da seleção em seis Copas, de 1970 até 1998. "O doutor Lídio Toledo é um mau-caráter, como vão comprovar os fatos que contarei. Pelé estava com 38 graus de febre num dia, e no dia seguinte apareceu bom. O doutor Lídio me explicou:

— Apliquei nele este remédio. É por isso que ele está bom.

O remédio é Penbritin, um antibiótico que os astronautas que foram à Lua tomaram.

— Vai, João. Com aquela bomba, ele está zero-quilômetro.

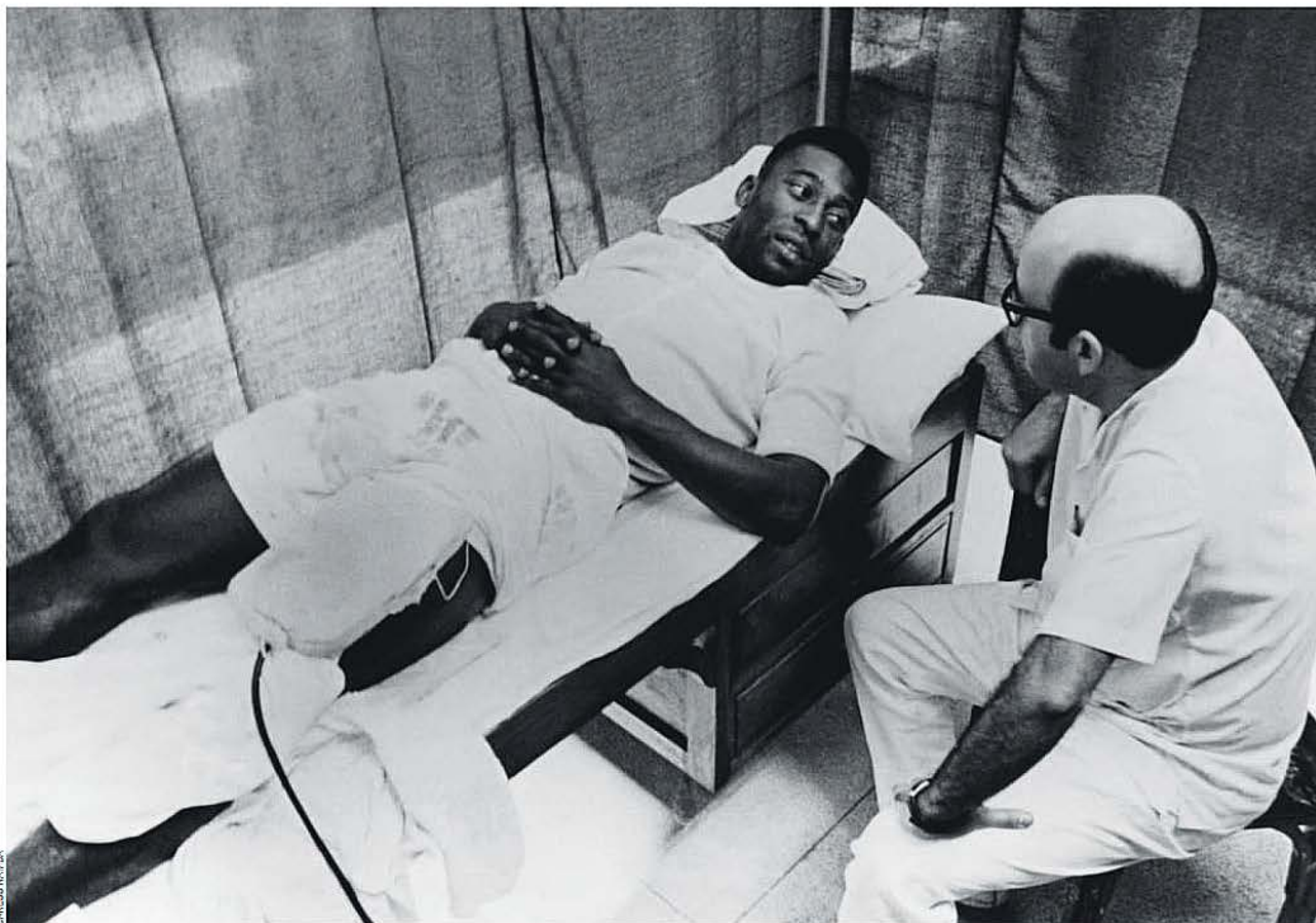
Agora, pergunto eu: como Pelé estará no quilômetro 70, tão envenenado ele já foi?

Eu sabia do problema de Pelé, queria poupá-lo para a Copa. Pouparia Pelé como poupei Gérson. Mas Pelé tem de jogar a qualquer preço. Quando eu quis tirá-lo, veio todo mundo em cima de mim.

— João — disse um diretor da seleção —, se o Pelé sair o patrocinador não nos paga mais.

— Mas eu não tenho nada com patrocinador, sou apenas um treinador de futebol.

Se o médico me disse que Pelé tinha uma lesão de ligamentos do joelho direito, se me disse todos os venenos que ele tomou estes anos todos, se me disse que ele não podia ou não devia jogar de noite, minha obrigação era poupar Pelé, para que ele fosse tratado. Quando o médico me falou tudo isso, pedi:

— O senhor pode me dar isso como um laudo por escrito?

CARLOS NAVEA

O doutor Lídio Toledo *(sentado)*: Saldanha acusava o médico, que ficaria na seleção em seis Copas entre 1970 a 1998, de expor Pelé a riscos

Juro sob palavra de honra que até hoje não tenho nenhum laudo por escrito.

É apenas com Pelé que eles se negam a dizer o que há realmente."

Ao longo do texto, dirige-se diretamente ao "senhor presidente da República, general Garrastazu Médici", e também ao "senhor ministro Jarbas Passarinho, que está interessado em defender o nosso futebol", como se buscasse apoio a suas críticas e revelações. "Eu lhe diria coisas horrorosas que acontecem não por crime, mas porque as paixões do futebol levam a tal ponto. Tenho em mãos, senhor ministro, propostas ignóbeis de vendedores de material esportivo. O senhor sabia que quando eu fui ver o campo do Itanhangá o administrador da seleção me disse que a baliza custava 5 milhões de cruzeiros antigos? Eu fui ao fabricante da baliza, ela custou apenas 1,6 milhão de cruzeiros velhos. O senhor sabe, senhor ministro, que eu quis fazer a concentração em São Paulo, porque São Paulo tinha catorze jogadores e isso permitiria uma economia enorme? Toda vez que eu lhes desse folga, eles já estariam em casa. Só havia um casado do Rio. Os mineiros eram solteiros. A única despesa da CBD, portanto, seria a de uma passagem de um jogador para ir de São Paulo ao Rio e voltar, o que era uma brincadeira (brincadeira não, senhor ministro, que passagem de avião anda meio cara). Mas os homens da CBD me disseram:

— Nós nos concentraremos no Amazonas ou em Teresina, mas em São Paulo não."

No final, conclui com sua estratégia na busca pelo tricampeonato mundial: "Se eu queria poupar Pelé era para ver se dava, porque acho que Pelé é mais importante naqueles vinte dias de briga, de guerra de foice, de guerra de feras lá no México. Quando chamei os jogadores de feras foi para botar meia-sola na palavra cobra. Cobra estava muito barato. Porque a maior fera é o homem. E para ganhar a Copa é preciso ter homens. Vamos dar apoio à seleção, mas vamos livrar a seleção da sujeira".

Em 1985, pelo PCB, Saldanha foi candidato (derrotado) a vice-prefeito do Rio de Janeiro, na chapa encabeçada por Marcelo Cerqueira (PSB). Cobriu a Copa do Mundo de 1990, na Itália, para a TV Manchete. Morreu em Roma em 12 de julho daquele ano. ■

A CARA DO NOVO PACAEMBU

Após anos de descaso, o estádio que já foi a casa dos clássicos paulistas passa por reformas com a promessa de se tornar mais sustentável e versátil, mas sem deixar de lado o futebol

DIVULGAÇÃO/ALLEGRA PACAEMBU

Como será: tombada, a fachada em estilo art déco não pode ser alterada

Leandro Miranda

Para os mais saudosistas, passear pelo Pacaembu atualmente pode cortar o coração. O gramado que já foi palco de tantos clássicos e abrigou lendas como Leônidas da Silva, Ademir da Guia, Rivellino e Pelé, deu lugar a entulho e lama, com caminhos estreitos para a locomoção de trabalhadores e maquinário de obra. O tobogã, como era chamada a arquibancada sul, é hoje um triste buraco no chão. Mas em meio às reformas tocadas pela concessionária Allegra Pacaembu, que venceu em 2019 a licitação para gerir o complexo pelos próximos 35 anos, reside a promessa de um futuro luminoso para o estádio que caminhava a passos largos e tristes rumo ao ostracismo.

Foram anos de decadência lenta, na esteira do baixo investimento público e da preferência dos clubes por arenas próprias. Nos últimos tempos, houve apagões de luz em vários jogos e chegou até a faltar água quente nos vestiários em um treino da seleção brasileira. Com um gasto anual na casa dos 9 milhões de reais — alto, mas insuficiente para revitalizar o palco fundado em 1940 —, o então prefeito João Doria decidiu que a privatização era o caminho a seguir.

A Allegra, consórcio formado pelas empresas Progen e Savona, investiu 400 milhões de reais e acredita que pode tornar o Pacaembu um negócio sustentável. "A ideia é transformar um local de passagem em outro de permanência de pessoas", diz Eduardo Barella, CEO da Allegra. "Se um time faz trinta jogos em casa por ano, os outros 335 dias estão ociosos. Precisamos trazer vida a um lugar tão emblemático." As obras estão dentro do prazo, e a reinauguração está prevista para 25 de janeiro de 2024, a data da

HENRI SCHMIN/GETTY IMAGES

Na memória: a bela Concha Acústica, demolida em 1970 para ampliar a capacidade

RENATO PIZZUTTO

Popular: o tobogã, antigo setor mais barato, dará lugar a um edifício multiúso *(veja à dir.)*

MARIANA MAGALHÃES

"Obra suja": os trabalhos de renovação estão previstos para acabar em janeiro de 2024

DIVULGAÇÃO/ALLEGRA PACAEMBU

O meu, o seu, o nosso: a bola vai voltar a rolar, primeiro com futebol feminino e de base, depois com grandes clubes de SP e de fora

final da Copa São Paulo de Futebol Júnior.

A aposta é que o humor da opinião pública melhorará a partir de 2023, quando acaba a fase da "obra suja" (demolições e o quebra-quebra) e tudo começa a ganhar cor. Como o complexo é tombado, nenhuma estrutura interior pode ser descaracterizada: a piscina olímpica tem de continuar sendo uma piscina, e assim por diante. A exceção é o edifício multiúso que será construído no lugar do tobogã. Por sinal, aos saudosistas cabe a lembrança: até 1970, havia ali a belíssima Concha Acústica. Foi triste perdê-la, mas o Pacaembu seguiu.

Esse prédio será a alteração mais radical na paisagem. A expectativa é que ele receba um fluxo de 7 500 pessoas por dia, 3 milhões por ano. Integrado ao clube, abrigará atrações como uma esplanada de eventos, estacionamentos, um centro de medicina esportiva, hotel e galeria de arte. "O aluguel desses espaços gera um colchão de receita recorrente. São Paulo é carente de espaços para eventos, os existentes são obsoletos e distantes do centro", diz Barella.

Mas e o futebol? A aposta mais realista, a priori, é abrigar o esporte feminino, as categorias de base e eventos como a Taça das Favelas. Em seguida, atrair de volta grandes clubes, inclusive de fora. "Acreditamos, por exemplo, que o Flamengo possa vir jogar aqui uma ou duas vezes por ano", diz o CEO. "O torcedor vai se hospedar no hotel, andar pelo estádio e sair já na cadeira dele. Acaba o jogo, o patrocinador vai poder fazer uma ativação com ex-jogadores. É como o americano faz na NBA e na NFL."

Já precavido contra acusações de elitização, o empresário assegura ser possível manter parte dos ingressos mais populares, apesar de lembrar que a precificação é feita pelo time mandante. Outra promessa é que nenhum acesso ou serviço que era gratuito passará a ser cobrado. "Podíamos cobrar, mas tem de ser como era antes, é a essência do lugar." O grosso da monetização atual vem do Pavilhão Pacaembu, tenda erguida em um canto asfaltado do gramado, com capacidade para 9 000 pessoas, que já abrigou shows de Gal Costa e do Padre Fábio de Melo e que será desmontada no ano que vem.

É um caminho sem volta, apesar de o tombamento proteger o patrimônio de mudanças bruscas — o nome "Estádio Paulo Machado de Carvalho" não pode sair da fachada em frente à Praça Charles Miller nem em caso de venda de *naming rights*. Para o bem ou para o mal, o velho Paca deixará de existir, mas seguirá vivo. ■

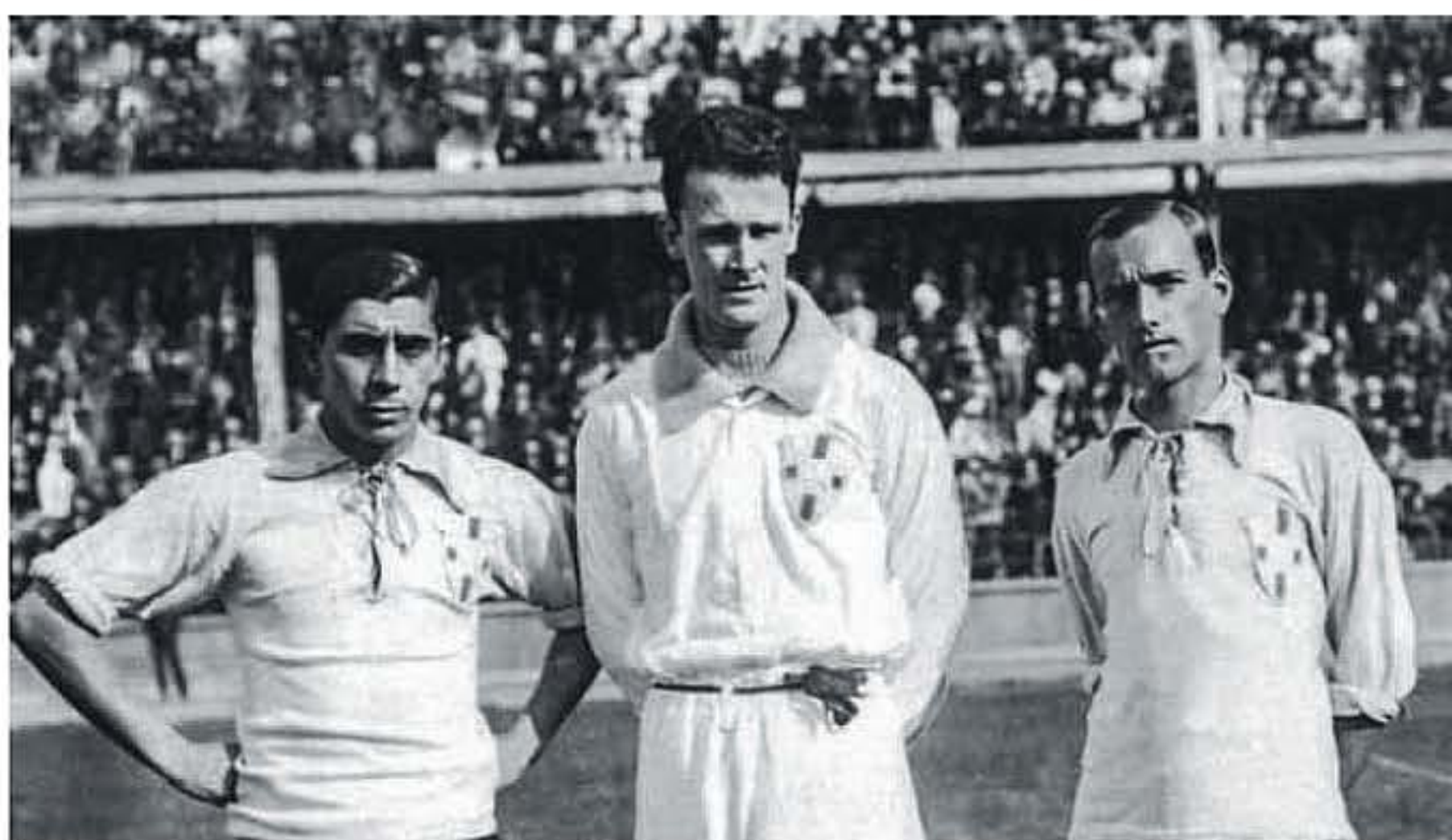
A DISCRETA ELEGÂNCIA

Em 1922, ano do centenário da independência e da Semana de Arte, a seleção celebrou o bi da Copa América em um confuso torneio no Rio. Uma relíquia no Museu do Futebol ilumina aquela campanha

Luiz Felipe Castro

Passeio imperdível para quem estiver na capital paulista, o Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, estreou em setembro a exposição *22 em Campo, 100 Anos de Futebol e Modernismo no Brasil*. Com a curadoria do arquiteto Guilherme Wisnik, a mostra temporária propõe uma tabelinha entre esporte e cultura, mostrando que o Brasil do tempo da Semana de Arte Moderna de 1922 era também um país prestes a se apaixonar perdidamente pelo esporte bretão trazido por Charles Miller, o homem que batiza a praça do museu. De Tarsila do Amaral para Arthur Friedenreich, de Mário de Andrade para Leônidas da Silva, a bola vai passando pelo corredor, em bela tabelinha, até desembocar numa impactante peça do figurino da época.

A camisa de manga comprida tem um tom amarelado pelo tempo, com detalhes em azul nas mangas e na gola polo elegantemente fechada com cordões. O calção azul-claro completa o uniforme incrivelmente preservado. Eis a camisa com a qual a seleção brasileira conquistou o Campeonato Sul-Americano (como antes era chamada a Copa América) de 1922, a única remanescente dessa época — nem mesmo a CBF tem em seu acervo uma camisa tão antiga. A relíquia pertencia a Amilcar Barbuy, meia-atacante que fez história por Corinthians, Palmeiras (então chamado de Palestra Itália) e Lazio entre as décadas de 20 e 30. Remanescente do primeiro título em 1919, Amilcar foi um dos líderes do time na conquista do bicampeonato no Estádio das Laranjeiras, no Rio, a primeira casa da seleção.

ARQUIVO/CBF

Viagem ao passado: Amilcar *(à dir.)* no time campeão logo depois da gripe espanhola

O campeonato de 100 anos atrás foi controverso. Tal como hoje, o país também se recuperava de uma grave pandemia, a de gripe espanhola, e vivia um ano eleitoral turbulento. Intelectuais como Lima Barreto e Graciliano Ramos apostavam que a moda desse tal futebol nunca pegaria no país, apesar da festa nas ruas da então capital federal. Era ano de festa e por isso o Brasil tinha de ganhar. E ganhou, mas uma suspeita combinação de resultados na última rodada (três empates), a única que manteria a chance de título brasileiro, marcou a disputa. O Uruguai, revoltado, abandonou a competição e a equipe anfitriã venceu a final por 3 a 0 contra o Paraguai, cujo destaque era Fleitas Solich, nome que anos mais tarde se tornaria conhecido pelos feitos como técnico do Flamengo e do Real Madrid.

A camisa de Amilcar Barbuy é um emocionante bilhete de viagem àquele passado. Seu neto, Fábio Barbuy, herdeiro do objeto cedido temporariamente, lembra que o Brasil ainda não havia estreado seu look amarelo canarinho — só abandonaria a camisa branca em 1954, para espantar o fantasma do Maracanazo da Copa anterior *(leia mais a respeito na pág. 56)*. "Essa camisa atravessou gerações, mas na verdade ela nunca foi branca, tem um tom creme, um bege clarinho", diz. Na época em que Amilcar atuava, os próprios jogadores eram responsáveis por lavar e cuidar de seus uniformes e jamais, em hipótese alguma, poderiam trocá-los com os adversários. "Infelizmente, meu avô só guardou duas camisas, esta e uma da seleção paulista", diz. Ciente de que tesouros como esse podem valer alguns milhares de reais, Fabio dá alguma esperança aos colecionadores. "Olha, podemos até conversar, mas já adianto que não seria barato." Alguém se habilita? ■

DIVULGAÇÃO/MUSEU DO FUTEBOL

Na vitrine como relíquia: tesouro em tom bege claro, creme, que com o tempo ganhou matiz amarelado, mas não canarinho

VESTIDOS PARA A HISTÓRIA

Compêndio reúne imagens, lendas e curiosidades sobre uniformes de seleções de cinco continentes desde as primeiras partidas oficiais reconhecidas pela FIFA no fim do século XIX

Alessandro Giannini

Mais do que fetiche de colecionadores, as camisas de times e seleções são um registro relevante do esporte e da história das civilizações. Por trás das escolhas de cores, dos cortes e dos tecidos, há uma série de informações interessantes sobre regiões em que clubes se formaram e os países que patrocinaram selecionados nacionais. Tudo isso ajuda a reconstruir o passado e a resgatar situações e personagens que de outra forma permaneceriam injustamente desconhecidos. Foi por essa razão, em parte, que cinco jornalistas esportivos argentinos se reuniram para compilar em livro suas pesquisas em torno dessas peças tão admiradas e muitas vezes achincalhadas. O resultado está no recém-lançado *Atlas Mundial de Camisas* (Planeta), que pode ser considerado, desde já, uma fundamental, divertida e colorida obra de referência.

ESCÓCIA E INGLATERRA, 1872
Considerado pela FIFA o primeiro amistoso internacional da história. As duas seleções se enfrentaram em um jogo que terminou empatado e sem gols num campo de críquete

"É um livro para quem gosta de futebol e para quem gosta das histórias por trás das camisas", disse a PLACAR o jornalista e produtor de TV Cune Molinero, um dos autores do compêndio. A compilação tem 1 400 modelos que vestiram escretes nacionais de cinco continentes, reunindo fatos, esclarecendo lendas e expondo algumas extravagâncias. Para isso, os autores viajaram mais de um século atrás no túnel do tempo. O pontapé inicial é a primeira partida entre seleções, Escócia contra Inglaterra, que se enfrentaram no improvisado

RODÉSIA, 1969
O manto usado como manifesto por uma seleção formada por brancos e negros, em protesto ao regime do apartheid

PALESTINA, 1999
O nome marcado com destaque foi utilizado como peça de autodeterminação e protesto de uma equipe que nunca disputou Copa

VATICANO, 2016
O Estado católico promove e disputa torneios como o Clericus Cup. Os jogadores são todos estrangeiros, na maioria diplomatas

MAPUCHE, 2015
Povos originários da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina reafirmam sua identidade em torneios independentes

FOTOS DIVULGAÇÃO

Ilustração da revista *The Graphic*: o jogo inaugural de 1872, entre escoceses e ingleses

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

campo de críquete do Hamilton Crescent, em Glasgow, na enevoada tarde de 30 de novembro de 1872. Os escoceses apareceram em campo com a sua tradicional camisa azul-escura, cor que está na bandeira, mas que também era do Queen's Park, base do selecionado. A Inglaterra, por sua vez, se vestiu de branco, que também predomina no estandarte do país. O prélio, visto por 4 000 pagantes, curiosos com o novo esporte, terminou empatado. O árbitro, um escocês imparcial, invalidou um tento caseiro alegando que a bola teria passado por cima do barbante unindo as duas traves à guisa de travessão.

Atlas Mundial de Camisas,
Cune Molinero e outros; Editora Planeta; 256 págs.; 99,90 reais

As Copas do Mundo, claro, formam parte central da linha do tempo estabelecida pelos jornalistas. Nesse contexto, o Brasil desponta quase como um capítulo à parte. Resgata-se a história, boa de ser recordada, de que o uso do verde e amarelo, tão fetichizado atualmente, não era permitido por lei até o início dos anos 1950. "Foi preciso recorrer, em 1918, a uma camisa branca com detalhes em azul e em vermelho nas mangas", informa o livro. O uniforme canarinho, com as cores características da bandeira, só estrearia em 14 de março de 1954, no Maracanã, em partida contra o Chile pelas eliminatórias para a Copa do Mundo da Suíça, naquele ano. A partida foi vencida por 1 a 0, o que garantiu a entrada na competição.

Molinero e companhia reúnem no vasto apanhado camisas incríveis e relatos fascinantes a respeito delas. Chama a atenção, inclusive, o fato de muitas serem de escretes sem projeção alguma. É o caso da Cidade do Vaticano, que desde a criação da federação nacional, em 1972, almeja um posto na FIFA para ostentar as cores branca e amarela em competições oficiais. Há também menção aos belíssimos uniformes de selecionados de povos originários, como os sul-americanos Mapuches e Aymaras, ambos filiados à Confederação de Associações Independentes de Futebol (Conifa), federação de futebol para todas as associações fora da entidade maior do esporte. E não faltam narrativas como a da Rodésia, hoje Zimbábue, que em 1969 enfrentou a política do apartheid ao fazer atletas brancos e negros envergarem as mesmas cores. Tudo somado, parece não haver dúvida: o que soaria como passatempo inocente e despretensioso, um atlas de camisas, é fonte indispensável para seguir de perto a aventura da humanidade. ■

UM TOQUE DE FÚRIA

Depois de vencer a Euro em 2008 com seu jogo de posse de bola, a Espanha chegou ao Mundial de 2010 como favorita e, mesmo sem mostrar um futebol brilhante, bateu a Holanda na decisão e consagrou-se na Copa da África do Sul

Gabriel Pillar Grossi

Foram quatro anos mágicos, que começaram em junho de 2008, com uma vitória de 1 a 0 sobre a Alemanha em Viena, na final da Euro, e terminaram em julho de 2012, com a goleada de 4 a 0 na Itália, na conquista do bicampeonato europeu de seleções. Mas não há dúvidas de que a maior conquista veio no meio daquele período, em julho de 2010, em Johanesburgo, na grande decisão da Copa do Mundo disputada na África do Sul. A Espanha, de um quarteto espetacular e azeitado, formado por Iniesta, Busquets, Xavi e Xabi Alonso, disputava pela primeira vez um título mundial.

E, apesar de o jogo contra a Holanda ter sido fraco, com poucos lances de brilho, prevaleceu o to-

Pedro, Busquets, Sergio Ramos, Capdevila, Piqué e Xabi Alonso *(em pé)*; Casillas, Iniesta, Villa, Xavi e Puyol: o triunfo do tiki-taka

ALEXANDRE BATTIBUGLI

que de bola (o famoso tiki-taka) da Fúria. Além dos quatro cracaços, o time tinha Casillas no gol; Sergio Ramos, Piqué, Puyol e Capdevila na zaga; mais Pedro e David Villa no ataque. O gol de Iniesta, aos onze minutos do segundo tempo da prorrogação, coroou os esforços daquele time que adorava pôr os adversários para bailar, com paciência e elegância. ■

FC BARCELONA

Tudo começou com o Barcelona
O holandês **Johan Cruijff** (1947-2016) é um ícone do futebol. Craque do Ajax e do Barcelona nos anos 1960 e 1970, ele se tornou um técnico de primeira. Comandou o Barça de 1988 a 1996 e é considerado precursor do tiki-taka, o esquema em que o time tem a posse de bola o máximo de tempo possível. Na foto, ele aparece orientando um cabeludo **Pep Guardiola,** hoje treinador do Manchester City e um mestre nesse estilo de jogo.

Na trave, pela terceira vez
Em 1974 e 1978, a Holanda estava entre os melhores, mas perdeu na final para os donos da casa (Alemanha Ocidental e Argentina). Em 2010, os holandeses não eram exatamente favoritos, mas tinham a experiência dessas duas decisões, contra uma estreante Espanha. Não deu de novo. **Sergio Ramos** consolou **Sneijder** no fim do jogo e a Laranja Mecânica segue sendo um grande time que só bate na trave — é três vezes vice-campeã mundial.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Festa com (e para) Mandela
Oitenta anos depois da primeira Copa do Mundo, o torneio chegou enfim ao continente africano. O país que organizou a festa foi a África do Sul de **Nelson Mandela** (1918-2013). Preso político durante 27 anos, na época do regime segregacionista conhecido como apartheid, foi libertado em 1990 e se tornou presidente do país em 1994, um ano após ganhar o Prêmio Nobel da Paz. Foi um dos maiores líderes políticos da humanidade, figura inesquecível.

“ERAM DEZOITO NO GRAMADO”

Pelas lentes de Sergio Sade, de PLACAR e VEJA, o Carrossel Holandês de Rinus Michels e Johan Cruijff na Copa de 1974

SERGIO SADE

O fotógrafo curitibano Sergio Sade tinha sido enviado para a Copa do Mundo da Alemanha, em 1974, numa parceria de PLACAR com VEJA. Como não tivesse recebido credencial para acompanhar a partida entre Holanda e Argentina dentro do gramado, em 26 de junho, restou-lhe uma posição na arquibancada. De lá, com uma lente de 200 milímetros, fez uma das mais conhecidas fotografias do Carrossel Holandês de Rinus Michels e Johan Cruijff. Na hora, como os aparelhos fotográficos eram analógicos — “a gente fazia as fotos e depois rezava”, mandava uma máxima daquele tempo de filmes negativos que precisavam ser revelados —, Sade não teve certeza do que tinha em mãos, e que só chegaria a São Paulo dois dias depois, com o rolo levado por um passageiro, de avião. “Mas deu para perceber que estava acontecendo alguma coisa muito nova no futebol, dada a movimentação dos jogadores de laranja”, lembra Sade. Era a representação gráfica do que o zagueiro e capitão albiceleste, Roberto Perfumo, resumira numa frase: “Eles pareciam ter dezoito em campo”. Eram onze, é claro — e que estrago produziram. A Holanda venceu por 4 a 0, na primeira partida da segunda fase, pelo grupo A, que tinha ainda Brasil e Alemanha Oriental. Coube ao olhar aguçado e inteligente de Sade entender que aquela correria representava uma revolução. ■

SERGIO SADE

SERGIO SADE

Depois da falta mal batida pela seleção da Argentina *(acima)*, os jogadores de laranja partiram em bloco para recuperar a bola: a revolução fotografada da arquibancada em Gelsenkirchen

O GOL VIRIA UM POUQUINHO DEPOIS

Rivaldo fez uma linda jogada para abrir o placar contra a Bélgica no Mundial de 2002. A cena, eternizada nestas páginas (o voleio que saiu por cima), é ainda mais impressionante

RICARDO CORREA

No tempo em que sobravam talentos do meio para a frente, o Brasil chegou a três finais seguidas de Copas do Mundo: foi tetra em 1994, perdeu em 1998 e se tornou o primeiro penta em 2002. Foi a era dos 4R: Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldinho (só mais tarde rebatizado de Fenômeno) e Rivaldo. O pernambucano Rivaldo Vitor Borba Ferreira era um meia clássico, típico camisa 10 canarinho. Armava e finalizava, cobrava faltas, chutava de longa distância e adorava jogadas plásticas, como bicicletas e... voleios, como o que ilustra estas páginas.

A cena ficou na memória dos amantes da bola desde aquele 17 de junho de 2002, em Kobe. O Brasil havia passado com folga pelos três adversários do Grupo C na primeira fase do Mundial, disputado simultaneamente na Coreia do Sul e no Japão: 2 a 1 na Turquia, 4 a 0 na China e 5 a 2 na Costa Rica. Em comum, três grandes atuações de Rivaldo, o líder do time em campo — com direito a um gol em cada partida (o da virada sobre os turcos, faltando três minutos para o fim do jogo; o segundo sobre os chineses, aos 32 da etapa inicial; e o quarto sobre os costa-riquenhos, aos dezessete do segundo tempo). A Bélgica tinha ficado em segundo lugar no Grupo H (empates contra Japão e Tunísia e vitória sobre a Rússia na rodada decisiva).

O confronto foi duro — bem mais do que o retrospecto recente indicava. Ao longo dos noventa minutos, os belgas tiveram mais chances e "São" Marcos salvou a meta verde e amarela em pelo menos três ocasiões. Quando o placar ainda marcava 0 a 0, Rivaldo mostrou, mais uma vez, que estava focado. Após um cruzamento da linha de fundo, fez um leve giro de corpo (entre a linha da pequena área e a marca do pênalti) e deu mais um de seus inconfundíveis voleios. Mas bateu muito embaixo da bola e ela saiu bem acima do travessão adversário. Seis fotógrafos estavam posicionados no mesmo local do gramado. Só Ricardo Corrêa, de PLACAR, conseguiu captar o momento exato do chute em pleno voo.

Aos 22 do segundo tempo, quando a seleção continuava sendo pressionada pelos surpreendentes Diabos Vermelhos, Rivaldo sobressaiu com mais um golaço: Ronaldinho Gaúcho, da direita, alçou a bola em direção à área. Dentro da meia-lua, o camisa 10, de costas para o gol, matou com estilo no peito, ajeitou com a ponta do pé esquerdo enquanto virava o corpo, deixou a pelota quicar uma vez na grama e fuzilou o goleiro, com um petardo no ângulo. Na comemoração, tirou a camisa e saiu correndo pelo campo. No jogo seguinte, nas quartas de final contra a Inglaterra, marcaria seu quinto gol em cinco jogos naquela Copa (na França, quatro anos antes, já tinha anotado três).

O camisa 10 pernambucano: a estética de um de seus belos voleios, em foto de Ricardo Corrêa, de PLACAR

O corta-luz para o gol de Ronaldo na decisão contra a Alemanha, enganando a zaga e finalmente vencendo o goleiro Oliver Kahn, foi o último lampejo de genialidade de Rivaldo no Mundial de 2002, a resposta definitiva aos que o acusavam (durante as eliminatórias) de jogar mais pelo Barcelona do que pela seleção. Contratado pelo time catalão em 1997 justamente para substituir o camisa 9 que havia sido vendido à Internazionale, Rivaldo consagrou-se como o melhor jogador do mundo de 1999 — levou o Balon d'Or, o Onze d'Or e os troféus da revista *World Soccer* e da Fifa naquela temporada. Na carreira, fez 75 jogos e 38 gols pelo Brasil. Seguiu jogando até 2015, quando pendurou as chuteiras pelo Mogi Mirim. A foto do gol que não foi, naquela noite japonesa, ganhou uma ampliação, virou um quadro de destaque na sala de sua casa — e na memória coletiva. ■

UM TIME PARA CADA EU

A escolha de cores para torcer não tem nada a ver com resultados dentro do campo e títulos. Há muito de identificação pessoal e partilha de valores, além de química

Kíssila Muzy

O texto a seguir foi o vencedor do 1º Concurso de Crônicas do Museu do Futebol, promovido em parceria com PLACAR. *Foram 444 inscritos de todo o país*

Minha vida de torcedora é marcada por decisões de ordem emocional. Não que me seja uma exclusividade. O que relato é bem comum, ao menos no Brasil. É compreensível que filhos herdem o time dos pais. O que mais se vê são famílias inteiras entoando o mesmo hino, e meu percurso não fugiu à regra. Mas não dura para sempre.

Quando me dei por gente, por volta de 3 anos, já torcia pelo Vasco. Típico de uma boa filha única de um vascaíno doente, desses que secam o Flamengo em todos os jogos que passam na TV.

Por falar em Flamengo, na adolescência percebi que as pessoas mais legais eram flamenguistas. Eu, menina do subúrbio do Rio de Janeiro, ia até a Zona Sul da cidade para visitar minhas tias rubro-negras, muito mais descoladas e divertidas que o meu problemático velho. Minha fase antipai não me permitira continuar vascaína e eu vesti a alma de vermelho e preto. Adulta, andei dizendo em alto e bom tom que meu sonho era ter uma camisa oficial do clube. Fosse por desconfiança ou pobreza dos que me cercavam, de nada adiantou o anúncio, nunca fui agraciada com o presente.

Aos quase 30 anos, subi a serra e troquei o Flamengo por dois ti-

ILUSTRAÇÃO HUGO TAKEYAMA

Paixões: o Vasco, o Frizão de Nova Friburgo, o querido Tricolor da Serra e, enfim, o glorioso alvinegro...

mes de futebol — e não é porque valessem por dois: tamanho de torcida e monte de títulos não me impressionam. Já deve estar claro que minhas escolhas dão-se menos por conquistas coletivas que por revoluções próprias.

Primeiramente, vim morar em Nova Friburgo. Cidade bonita, segura, natureza mais preservada que a média e povo agradável. Logo fiz dois filhos e aloquei o Friburguense no meu coração. Não dá para viver aqui sem torcer pelo Frizão. Ainda por cima, o estádio fica no caminho de casa. Não teve jeito, adotei o Tricolor da Serra.

Mas nada se compara à derradeira virada de casaca: além de torcer pelo Friburguense porque a cidade é minha pátria, a paixão que encerrou os treinos do passado sem deixar espaço para reviravoltas só poderia ser o...

Antes da revelação, devo antecipar minha defesa contra quem me acusar de me prender a tudo menos ao clube em si. Pode até ser a primeira impressão de quem lê esta crônica, afinal, peguei o time do meu marido e o chamei de meu.

Fui apresentada a um clube grande, tradicional e campeão, que busca a inovação enquanto padece de uma sede de títulos após um passado glorioso. Vibrar por ele me inspira a ser e agir como os seus simpáticos torcedores, que persistem na luta com leveza. Zoam e são zoados sem que se torne motivo para violência. Mesmo perdendo (e como!), seguem com seus ídolos, sem perder de vista que a culpa é sempre dos cartolas. As dívidas astronômicas não apagam sua história nem mancham o passado estelar de clube que mais jogadores enviou para a seleção brasileira. E é um dos mais profícuos em produção de memes, importante critério na atualidade.

Sim, leitores, sou Botafogo de Futebol e Regatas. A ponto de me emocionar com os cantos e ser tomada pela energia que emana da massa alvinegra pronta para dar aquela moral à equipe.

Espero que este relato me poupe em definitivo dos meus amigos: “Você não era Vasco que nem teu pai? Não era flamenguista? E aquela camisa do Friburguense, fez o que com ela?”.

A escolha do time não tem a ver com estatísticas de desempenho. Há muito de identificação pessoal, partilha de valores e até química. É quase uma questão de pele. ■

PAULO CEZAR CAJU

ATÉ ONDE MESMO PODEREMOS CHEGAR?

Os jogos do calendário da tal "Data Fifa", marcados por interesse comercial para encher o bolso dos dirigentes, servem para pouca coisa. De que adianta golear a Tunísia e a Coreia do Sul e não saber como atuam os concorrentes ao título?

"Nossas últimas eliminações foram para europeus: França, Holanda, Alemanha e Bélgica. Nada substitui entrar em campo e conhecer o adversário"

Faltam menos de dois meses para a Copa do Mundo e confesso a vocês que nunca vi uma mobilização tão pequena. Não sei se é pelo fato de ser no fim do ano, por causa das eleições ou simplesmente porque povo não está nem aí mais, mas se fosse um tempo atrás as ruas estariam pintadas e não se falaria em outra coisa a não ser a maior competição mundial. Como um amante do futebol, estarei ligado na telinha para ver todos os jogos do torneio que tive a oportunidade de jogar duas vezes, em 1970 e 1974. Justamente por ter vivido essa experiência, aproveito a coluna desta edição para dar a minha visão do momento atual da seleção.

Vamos lá. Na preparação para a Copa de 1970, por exemplo, fizemos uma excursão para a Europa e enfrentamos as principais potências do mundo. Mais importante do que o resultado em si foi conhecer os adversários de perto, a forma de jogar, as fraquezas, e tenho certeza de que isso foi crucial para que a gente conquistasse a taça naquele ano. Na edição seguinte da Copa, voltamos ao continente europeu para realizar a preparação contra as seleções mais fortes do mundo, mas o título não veio.

Hoje em dia o cenário mudou e o que vejo é uma série de amistosos só para preencher o calendário da tal "Data FIFA", por puro interesse comercial para encher o bolso dos dirigentes. Ou seja, em vez de enfrentarmos França, Alemanha ou Inglaterra, perdemos nosso tempo jogando contra Coreia do Sul, Gana, Tunísia e por aí vai. O que adianta dar de 5 na Tunísia, golear a Coreia do Sul e não saber como jogam os nossos principais concorrentes ao título? Vocês lembram quando foi nosso último confronto contra uma seleção da Europa? Nem eu! O que eu não me esqueço é que nossas últimas quatro eliminações foram para europeus: França, Holanda, Alemanha e Bélgica. "Mas PC, o Tite tem um olheiro que acompanha de perto essas seleções." E daí? Trata-se de um olhar totalmente superficial porque nada substitui entrar em campo e conhecer o adversário de verdade.

Copa do Mundo é um torneio de tiro curto e cada detalhe importa. É preciso pensar com carinho em cada jogador que estará na lista final. O Pedro, como diz o Tite na entrevista para PLACAR, pode entrar nos minutos finais de um jogo truncado, trombar com os zagueiros e empurrar para o fundo da rede. O Ganso, outro jogador que defendo bastante, poderia achar um passe para um dos garotos velocistas. Sabe qual é o problema? A panela já está formada e a prioridade são os cães de guarda, os pit bulls. Até onde chegará o nosso canil? ■

MAILSON SANTANA/FLUMINENSE FC

Paulo Henrique Ganso: ele poderia achar um passe para um dos velocistas